

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Vitória Tiscoski Ramos

As (De)Pendências Das Empregadas: exemplos de representações de domésticas no cinema contemporâneo brasileiro

Florianópolis
2020

Vitória Tiscoski Ramos

As (De)Pendências Das Empregadas: exemplos de representações de domésticas no cinema contemporâneo brasileiro

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Busko Valim

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ramos, Vitória Tiscoski

As (De)Pendências das Empregadas : exemplos de representações de domésticas no cinema contemporâneo brasileiro / Vitória Tiscoski Ramos ; orientador, Alexandre Busko Valim, 2020.

74 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. Domésticas. 3. Gênero. 4. Cinema. 5. História. I. Valim, Alexandre Busko. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos seis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove , às dez horas no NEHCINE do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Alexandre Busko Valim (Orientador e Presidente); Prof^a. Soraia Carolina de Mello (Titular); Prof. ^a Rafaela Arienti Barberi (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 85/HST/CFH/2019, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica **Vitória Tiscoski** , intitulado: **"As (De)Pendências Das Empregadas: exemplos de representações de domésticas no cinema contemporâneo brasileiro"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Alexandre Busko Valim, nota 9,0, Prof^a. Soraia Carolina de Mello, nota 9,0, Prof^a Rafaela Arienti Barberi., nota 9,0, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 9,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 20 de fevereiro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.
Florianópolis, 6 de dezembro de 2019

Prof. Alexandre Busko Valim (Orientador):.....
Prof^a. Soraia Carolina de Mello (Titular):.....
Prof^a. Rafaela Arienti Barberi (Suplente):.....
Vitória Tiscoski (Candidata):.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmica Vitória Tiscoski, matrícula n.º 16250441 entregou a versão final de seu TCC cujo título é “As (De)Pendências Das Empregadas: exemplos de representações de domésticas no cinema contemporâneo brasileiro”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda minha família, mas principalmente aos meus pais que construíram um caminho por onde eu pude começar a construir minha trajetória acadêmica. Junto desse aparato vieram seus ensinamentos que me proporcionaram dar maior valor à busca por conhecimento, à leitura, à cultura, mas também à disciplina de estudo, cuidado e de responsabilidade, onde só é possível em um ambiente privilegiado e de apoio mútuo.

Este trabalho também deve ser dedicado a todas as professoras, colegas e servidoras desde o primeiro contato escolar, até aqueles que ajudaram a me formar neste curso de graduação, em especial ao meu orientador Alexandre Busko Valim, que tem sempre na ponta da língua as melhores indicações, que desde o início buscou me apoiar, e por quem tenho grande admiração; além da professora e amiga Soraia Carolina de Mello que me ajudou também em ótimas orientações, por mais que não seja este seu trabalho.

Foi conversando com a colega de curso, e grande amiga Valéria Machado, que algumas indagações importantes para que eu pudesse produzir este trabalho, surgiram. Valéria, que estuda o trabalho doméstico não remunerado, me contava justamente que suas pesquisas iam, geralmente, de encontro aquilo que eu estava procurando. Se não fossem pelas nossas longas conversas, além das leituras, lazes e momentos de sufoco compartilhados, com certeza esse estudo seria diferente. Então agradeço muito você, Valéria.

Também agradeço todas outras amigas que me auxiliaram em momentos que precisei de cuidado, afeto e carinho: Luciana Taborda, Glenda Lunardi, Nicolas Rosa, José Eduardo, Lara Lucena, Tayná Dalsasso, Rafaela Pereira, Lucas Santos, Lídia Mallet, José Marujo, Carol Gomez, Julia Ferrari, Davi Resner, Gabriel Fernandes, Lucas Takasugi, Cyan Lebleu, Matheus Silveira, Tarcísio Eduardo, Larissa Henrique, Matheus Abel, Ítalo Lemos, Arthur Santana, Alysson Risse; também agradeço meus colegas do NEHCINE, que sempre estão dispostos a trocar referências e a aprender: Gustavo Shigunov, Rafaela Barbieri, Cristiane Grumm e Leonardo Travassos.

*“A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra [...]
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E esse país
Vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar
A carne mais barata do mercado é a carne negra”*

(Elza Soares, 2002)

RESUMO

Em vista de avanços na busca de direitos de mulheres relativos aos seus serviços como empregadas domésticas remuneradas, e comparando permanências estruturais de precarização relativas ao mercado de trabalho no Brasil, neste estudo abordaremos os filmes brasileiros: *Casa Grande* (2014) e *Que Horas Ela Volta* (2015), que apresentam representações de empregadas domésticas. A partir de suas análises, procuramos compreender seus caracteres históricos levando em conta as noções de gênero, raça e classe a partir das perspectivas de História Social, Cinema, Gênero e Interseccionalidade. Como metodologia para a análise fílmica, utilizamos a decupagem completa de ambas produções. Tendo em vista que filmes são agentes sociais, pretendemos localizá-los dentro de sua teia social e histórica. Apesar de atingirem relativo grande número de espectadores, o cinema nem sempre possui uma acessibilidade democrática. Entretanto, podemos perceber que em diferentes níveis de profundidade, os filmes conseguiram gerar diferentes discussões e críticas levantadas, seja pela crítica especializada, seja pelo público geral. Essas discussões abrem espaço para que as mudanças da legislação de domésticas sejam efetivadas.

Palavras-chave: Domésticas, Gênero, Cinema, História.

ABSTRACT

In view of advances in the pursuit of black women's rights regarding their services as paid domestic servants, and comparing structural precarious permanencies relative to the labor market in Brazil, this study will address two Brazilian films: *Casa Grande* (2014) and *Que Horas Ela Volta?* (2015), that feature representations of domestic servants. From their analyzes, we seek to understand their historical characters uniting the triad of gender, race and class from the perspectives of Social History, Cinema, Gender and Intersectionality. As a methodology for film analysis, we use the complete decoupage of both productions. Considering that films are social agents, we intend to locate them within their social and historical web. Despite reaching relatively large numbers of viewers, cinema does not always have democratic accessibility. However, we can see that at different levels of depth, the films were able to generate different discussions and criticisms raised by either the specialized critic or the general public. These discussions can make room for changes in domestic labor struggles to take effect.

Keywords: Housemaids, Gender, Cinema, History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família de empregadores sentada à mesa no jantar em <i>Casa Grande</i> (2014)	16
Figura 2 - Rita comendo sozinha na cozinha em <i>Casa Grande</i> (2014)	17
Figura 3 - Hugo na jacuzzi prestes ir para dentro da casa desligar as luzes.....	51
Figura 4 - Sônia e sua amiga conversam discretamente para que Rita não ouça.	52
Figura 5 - Severino trabalhando enquanto a imagem se expande para a aula de Sônia.	53
Figura 6 - Aula de Sônia, onde Severino já não aparece mais no enquadramento.....	54
Figura 7 - Rita consola Jean em seu quarto.....	57
Figura 8 - Rita serve os empregadores, vista da sala de jantar.....	60
Figura 9 - Val serve os empregadores, vista da cozinha.	60
Figura 10 - Val descendo as escadas do corredor indo acordar Hugo.	63
Figura 11 - Val novamente no corredor, pedindo permissão à Hugo para limpar seu quarto..	63
Figura 12 - Val na cozinha servindo o café da manhã para Fabinho.....	64
Figura 13 - Val novamente na cozinha, junto dos outros empregados da casa.	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MERCADO DE TRABALHO: UM PANORAMA (1988-2010)	16
2. UM ESTUDO CRÍTICO CULTURAL	29
2.1. História Social	30
2.2. Cinema e História	30
2.3. Gênero e Interseccionalidade	33
3. TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO	35
3.1. Divisão sexual do trabalho	38
3.2. Mulheres negras	42
4. ANÁLISES FÍLMICAS	49
4.1. <i>Casa Grande</i> (2014).....	50
4.2. <i>Que Horas Ela Volta?</i> (2015).....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Para melhor compreender as particularidades do trabalho doméstico no Brasil, realizado majoritariamente por mulheres negras e pobres, buscamos com este trabalho partir de uma preocupação em relação às desigualdades de gênero, classe e raça. Por meio da análise dos filmes *Casa Grande* (2014) e *Que Horas Ela Volta* (2015), que tratam de produções cinematográficas brasileiras que representam as vidas de empregadas domésticas inseridas em casas de famílias de classe alta, pretendemos relacioná-las à discussão acerca da divisão sexual do trabalho por meio do gênero como categoria de análise.

Pretendemos contribuir para os estudos de Cinema e História, de gênero e de sociologia do trabalho, fazendo um mapeamento da atividade doméstica no mercado laboral a partir da Constituição de 1988 até os anos 2010, em que os filmes estão inseridos temporalmente. Com este estudo visamos alcançar uma relação entre os filmes e as questões relacionadas à precarização do trabalho a partir de 1988 e à divisão sexual do trabalho. Para tanto, iniciaremos com um breve panorama acerca da precarização a partir de 1988, procurando localizar diferentes regiões do país e do Mundo, numa perspectiva global.

O tema surgiu a partir da experiência prévia com estudos nos campos do cinema e da História, tendo como aliada sempre a categoria de gênero. É necessária uma perspectiva progressista em relação aos assuntos acerca das experiências femininas. Tendo em vista a conquista de alguns avanços em relação aos direitos das mulheres, percebemos, entretanto, que há muito mais a ser alcançado quando se trata de igualdade de gênero. É com essa visão que partimos para a escolha do tema deste estudo. Compreendemos que grande parte dessas desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira está associada às mulheres negras, que historicamente estão em desvantagem social em relação ao resto da população por conta do período escravocrata e, do sempre presente, patriarcado. Segundo a concepção feminista após o movimento que se convencionou chamar de “segunda onda” do feminismo, nos anos 1970 no Ocidente, significa o poder dos homens na formação da nossa sociedade, ou seja, "dominação masculina", ou "opressão das mulheres"¹. Portanto, é necessário um estudo que atente às características e problemas que ainda são enfrentados por elas, para que possamos continuar avançando na luta pela igualdade.

¹ O termo passou por algumas mudanças de significado ao longo do tempo. Anteriormente ao século XIX a palavra estava ligada a autoridades dentro da Igreja Católica, que herdaram o termo de autores sagrados que se referiam aos primeiros chefes de família que viveram. Posteriormente no fim do século XX, com a chamada 'segunda onda' do feminismo nos anos 1970 no Ocidente. (DELPHY, 2009, p. 173).

Percebemos ao longo dos anos alguns avanços em relação aos direitos das mulheres, mas também a manutenção de algumas desigualdades de gênero. A Constituição de 1988, por exemplo, afirmava equiparar homens e mulheres em obrigações (Artigo 5º, I) proibindo a diferença salarial e garantindo a licença-maternidade e licença-paternidade remunerada; porém, algumas outras reivindicações de movimentos feministas ficaram de fora, como o direito ao aborto. Diante deste cenário percebemos um empecilho relacionado a questão de gênero estritamente. Todavia, a regulamentação do trabalho de empregadas domésticas só aconteceu em 2013 - durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, o que seria mais uma questão de gênero presente em discussão - com a PEC das Domésticas, e pode ser vista muito mais relacionada com uma questão de classe.²

A cientista política Flávia Biroli (2018) nos ajuda a perceber que a divisão sexual do trabalho acaba por limitar a cidadania das mulheres, pois as múltiplas jornadas impostas à elas dificulta sua participação política, pois têm menos chances de expressar suas perspectivas, necessidades e interesses sociais, de participar de cargos políticos e de participar do debate público. Com isso, têm menores possibilidades de influência nas decisões políticas que as afetam. A divisão sexual do trabalho assim, cria obstáculos ao acesso, participação e autonomia das mulheres. Relacionando gênero, classe e raça, a autora afirma que a divisão sexual do trabalho não incide igualmente a todas as mulheres. O racismo é a base que sustenta hierarquias de gênero revelando vantagens e desvantagens em relação a vivência de mulheres através de diferentes posições de classe e raça.³ É diante deste cenário que percebemos a urgência de estudos neste campo, pois enquanto vemos por um lado avanços nos direitos e na luta pela igualdade entre gêneros, percebemos, por outro, que ainda temos sérios problemas relacionados a desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero.

Percebemos a emergência de um estudo que aborde essas questões em um debate historiográfico, para que se possa avançar na luta por direitos. Com um olhar crítico sobre as diferentes formas de opressão e dominação, pretendemos, mediante uma teoria multicultural, social e crítica, articular conceitos como gênero, raça e classe para identificar seus processos de identificação na sociedade e nas representações midiáticas - neste caso, o cinema -, para relacionar nossas análises teóricas com o desenvolvimento de práticas políticas de contestação visando mudanças no estado atual do mercado de trabalho brasileiro, bem como perceber as

² BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

³ Ibidem.

desvantagens das mulheres negras nessa sociedade.⁴ Diante do cenário do governo atual brasileiro e sua relação com a reforma da previdência e do descaso com o crescimento do desemprego, reiteramos a importância no estudo desta temática como um conjunto de teorias críticas que capazes de problematizar e contribuir para que os direitos sociais deem conta de todo o conjunto da população, e não apenas para uma pequena parcela dela.

A Constituição Federal de 1988 instituiu pela primeira vez no Brasil um sistema de proteção social, onde abriu-se um capítulo específico sobre direitos sociais. É, portanto, a partir dela que devemos partir para uma discussão acerca da reforma da previdência⁵, inicialmente proposta pelo governo de Michel Temer, mas que foi efetivamente levada em frente e aprovada pela Câmara no governo atual de Jair Bolsonaro. Notamos que desde que a Constituição foi implantada vem ocorrendo diversas tentativas de desmonte nessa nova lógica de proteção social. Antes da Constituição somente trabalhadores urbanos tinham direito à aposentadoria, e a Carta abriu espaço para trabalhadores rurais, aumentando o sistema de contribuição e gerando debates semelhantes com os que temos acerca da reforma da previdência atual. Um dos argumentos para que ela seja posta em prática é que se não ocorrer, a “previdência vai quebrar a economia do país”. Naquela época, “estudos do IPEA de 1997 e 1998 comprovaram que não somente a previdência não quebrou como esses benefícios foram fundamentais para dinamizar as economias locais em milhares de pequenos municípios do país”.⁶

Outra tentativa de desmonte foi na década de 1990, onde criou-se o mecanismo de Desvinculação das Receitas da União (DRU), que retirou 20% dos recursos que eram direcionados a seguridade social, direcionando essa porcentagem livre para o governo. Em 2016, durante o governo de Michel Temer, esse número passou de 20% para 30%. Durante este mesmo governo - que alcançou o poder através de um golpe jurídico-parlamentar-midiático, alinhado com a crescente bancada conservadora e com uma perspectiva neoliberal - aprovou uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) de controle de gastos sociais com um teto estabelecido para o período de 20 anos, que afetou em larga escala setores importantíssimos para a população, principalmente mais pobre, como na saúde e na educação com uma série de cortes orçamentários. Michel Temer também aprovou a reforma trabalhista, que prometia gerar milhões de empregos, mas na verdade o desemprego não parou de crescer, e também os

⁴ Tais concepções teóricas são embasadas nos trabalhos de Douglas Kellner (2001), que serão melhor desenvolvidas no segundo capítulo.

⁵ MATTEI. Lauro. Reforma da Previdência: da Constituição de 1988 à proposta de reforma do governo atual. **Revista NECAT** – Ano 8, nº15 Jan-Jun/ 2019, pp. 1-7.

⁶ Ibidem.

trabalhos precarizados, somando 28 milhões de pessoas. Ou seja, a reforma trabalhista contribuiu para a precarização do trabalho.⁷

Portanto, pretendemos auxiliar na compreensão das particularidades do trabalho doméstico no Brasil partindo do presente e encontrando o passado. Consideramos importante fazer uso de uma perspectiva multidisciplinar e crítica social de trabalhos historiográficos, mas também das áreas de Ciências Sociais e do Serviço Social questões que nos auxiliem na compreensão das idiossincrasias do trabalho doméstico no Brasil que estão presentes nos filmes *Casa Grande* (2014) e *Que Horas Ela Volta?* (2015).

No primeiro capítulo iremos fazer um panorama acerca do mercado de trabalho a partir da Constituição de 1988 no Brasil até os anos 2010 para que tenhamos maior clareza desse processo de precarização que vem ocorrendo desde então. Faremos também um apanhado sobre esse assunto em relação a outros países, por estarmos inseridos num Mundo globalizado e bastante conectado. Ao segundo capítulo serão reservadas nossas fundamentações teóricas que tornaram este trabalho possível, coerente e científico. Falaremos sobre História Social, Cinema e História, e Gênero e Interseccionalidade de modo que possamos relacionar todo esse aparato teórico que possibilitou a realização deste estudo.

Em seguida, no terceiro capítulo, serão feitos nossos apontamentos no que diz respeito a relação do trabalho doméstico em si com esse mercado de trabalho precarizados, tendo um subcapítulo separado para discutir o lugar das mulheres negras como protagonistas nessa realidade. Por fim, no quarto e último capítulo, iremos expor nossas análises fílmicas de *Casa Grande* (2014) e *Que Horas Ela Volta?* (2015) com foco em suas narrativas e, quando pertinente, uma análise formal.

⁷ Ibidem nota 4, pp. 14.

1. MERCADO DE TRABALHO: UM PANORAMA (1988-2010)

"Cotas? Claro que eu sou a favor das cotas. Com certeza, minha filha. Ué! Estados Unidos tem cotas, não tem? Eles chamam de *Affirmative Action*. Não é à toa que são a maior economia do Mundo. Apesar que o certo mesmo seria consertar pela base, pelas escolas públicas, aí sim. [...] Corta um pedacinho dessa carne aí pra mim." (CASA GRANDE, 2014, 17'17" – 17'51")

O trecho destacado acima foi retirado de uma sequência do filme *Casa Grande* (2014), onde a família de empregadores está junto à mesa jantando e conversando. Há um momento em que a filha, depois de muito insistir para conseguir ser ouvida, questiona o pai acerca das cotas. A mãe precisa intervir e fazer a pergunta pela filha, para que o pai responda. Durante toda a sequência, mesmo desde antes do assunto 'cotas' surgir, a imagem é de um plano médio estático da mesa, onde a empregada Rita entra e sai na sala de jantar servindo a mesa e levando recado do telefone. Ao fim da resposta de Hugo acerca das cotas, quando ele fala que *o certo mesmo seria consertar pela base*, a imagem muda para um enquadramento relativamente distante, através de uma porta, como se estivéssemos espiando Rita sentada à mesa na cozinha comendo uma banana sozinha e mal iluminada. A fala de Hugo continua com a imagem de Rita, e termina com ele pedindo mais um pedaço de carne, como se aquela discussão não fosse problema dele, como se fosse algo muito distante.

Figura 1 - Família de empregadores sentada à mesa no jantar em *Casa Grande* (2014)



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (17'33").

Figura 2 - Rita comendo sozinha na cozinha em *Casa Grande* (2014)



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (17'33").

A precarização está presente em toda a história da classe trabalhadora no Brasil. Após a abolição da escravidão e a proclamação da República o poder dos grandes proprietários aumentou ainda mais e seus interesses econômicos passavam longe da realidade das populações indígenas e negras no Brasil, mas sim de uma grande valorização do imigrante branco europeu. Portanto, a população marginalizada não encontra boas condições de trabalho assalariado nessa nova conjuntura capitalista.⁸ As grandes cidades começaram a se desenvolver e o século XX foi marcado pelo desenvolvimento do setor industrial. Dessa forma, a classe trabalhadora era caracterizada por forte exploração do trabalho por conta do aumento das mais-valia absoluta (prolongamento da jornada de trabalho) e da mais-valia relativa⁹.

Apesar de estarmos cientes desta realidade na História brasileira, não cabe a este trabalho tratar as permanências e rupturas em relação ao período colonial ou de transição para a República brasileira, pois entendemos que esses processos são muito mais complexos e não podem ser tão facilmente diretamente relacionados às dificuldades dos negros na sociedade brasileira atual. As desigualdades não são permanências da escravidão, são novas formas de opressão. São formas modernas de legitimar a dominação e injustiças sociais¹⁰.

⁸ Ibidem nota 4, pp. 14.

⁹ Termos definidos por Karl Marx para designar estratégias de lucro no sistema capitalista. A mais-valia absoluta é a ampliação da jornada de trabalho, e a relativa é o aumento da produção pela mecanização do trabalho. Para mais, ver MARX, Karl. **O Capital** - Livro 1: o processo de produção do capital. 2ª ed. Boitempo: São Paulo, 2011.

¹⁰ SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte_ Editora UFMG, 2009.

Pretendemos abordar os problemas relacionados ao trabalho a partir da Constituição de 1988. As relações de trabalho no Brasil foram construídas envoltas de um grande autoritarismo de regulação e passou por fortes desestabilizações das organizações sindicais. Depois de muito tempo de luta sindical, principalmente dos metalúrgicos do ABC paulista, foi com a Constituição de 1988 que os trabalhadores conseguiram com que suas reivindicações fossem conquistadas garantindo direitos como: greve, liberdade de criação de sindicatos, redução da jornada de trabalho de 48 horas para 44 horas, seguro desemprego, licença gestante de 120 dias, etc¹¹. Além dessas mudanças, devemos acrescentar algumas conquistas específicas realizadas após demandas organizadas de mulheres trabalhadoras. Suas reivindicações iam desde eliminação da discriminação, proibição de trabalho perigoso, insalubre e noturno, até a extensão de direitos trabalhistas específicos para a situação das mulheres trabalhadoras, como considerar a maternidade como função social e ampliar a licença-maternidade criando a licença-paternidade, e estendendo o direito à creche aos filhos de ambos os sexos. Algumas foram conquistadas, como a licença-paternidade, mas muitas não.¹²

Tendo este recorte como ponto de partida, precisamos atentar para o fato de que desde anos 1980 o mercado de trabalho sofreu alterações, e a cada década que se passou houve novas configurações sociais, econômicas e históricas. Portanto, iniciaremos um panorama desta realidade, tentando localizar as questões relativas ao Brasil, e em se tratando de um país tão extenso e diverso, mas também em regiões específicas; e quando pertinente, também relacionando com outros países.

Se desde 1930 a economia brasileira fora baseada na substituição de importações utilizada para o desenvolvimento do país, com os governos de Collor e Cardoso houveram mudanças estruturais no início dos anos 1990 por conta de suas aberturas comerciais. O Brasil se via em meio a forte competitividade do mercado global, o que acabou gerando graves problemas estruturais: terceirizações, substituição de mão de obra por conta da modernização tecnológica e uma grande massa de novos desempregados por conta do fechamento de fábricas. Esse novo cenário foi acompanhado por duas mudanças políticas do mercado de trabalho: a flexibilização de jornadas, salários e ritmos de trabalho, e a flexibilização/desregulamentação

¹¹ COSTA, Márcia da Silva. O SISTEMA DE RELAÇÕES DE TRABALHO NO BRASIL: alguns traços históricos e sua precarização atual. **RBCS**, Vol. 20 n°. 59 out., 2005.

¹² BRUSCHINI, Maria Cristina. O Trabalho da Mulher Nas Décadas Recentes. **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.N/E, p. 179-203, 1994.

do sistema legislativo nacional de proteção ao trabalho, a Consolidação das Leis de Trabalho.¹³ Os ataques a CLT puseram em risco os direitos dos trabalhadores¹⁴.

Entendemos que essas mudanças estão inseridas no processo de precarização do trabalho. Nos utilizando do gênero como categoria de análise podemos dialogar com esse processo por meio de teorias como a divisão sexual do trabalho em que nos ajuda a perceber que as mulheres são as primeiras afetadas nesse processo de precarização. Indicadores do trabalho precário - que serão melhor desenvolvidos ao longo deste estudo - ressaltam a divisão sexual na precariedade, pelo fato de as mulheres apresentarem maior número do que os homens no trabalho informal e no trabalho em tempo parcial. Elas têm maioria em menor qualificação e no número inferior de horas trabalhadas.¹⁵

Além disso, sabemos que esses problemas estruturais de desemprego, e situações precárias e informais de trabalho têm afetado mais trabalhadoras e trabalhadores negras/os. Os números apontam para a maioria da população negra no desemprego: 86,4% na Bahia em 1998.¹⁶ Além de protagonistas nas maiores taxas de desemprego, são também encontrados em funções de menor prestígio social e econômico. Em São Paulo, no mesmo ano, o número de negras(os) em atividades como: serviços domésticos, construção civil, indústria têxtil, limpeza, reforma e transportes foi maior em relação a branca/os, e menos em serviços como: indústria química, serviços especializados, educação, saúde, administração, etc.¹⁷ Diante deste cenário percebemos que o trabalho doméstico, feito em sua maioria por mulheres negras,¹⁸ possui suas particularidades. Partiremos de estudos de gênero e com uma perspectiva de interseccionalidade para analisar a realidade desta grande parcela da população brasileira.

Antes dos anos 1930 o Brasil era majoritariamente agroexportador. Após o governo de Getúlio Vargas, o país passou pelo processo de ‘acumulação industrial’ onde conseguiu

¹³ A CLT foi criada em 1943 assegurando direitos trabalhistas e sociais mínimos através da política populista de Getúlio Vargas. Reunia leis acerca do crescente trabalho nas indústrias, visando um maior controle sobre as contratações das empresas. Garantia o limite de 48 horas de jornada de trabalho, proibia o trabalho menos de 14 anos, regulamentou o trabalho feminino (como a licença maternidade, por exemplo), determinou obrigatoria a remuneração de hora extra, descanso e férias, salubridade e proteção em caso de acidentes. (COSTA, 2005)

¹⁴ *Ibidem*, nota 11, pp. 18.

¹⁵ HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

¹⁶ MARTINS, Tereza. O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade. *Revista Serviço Social*: São Paulo, n. 111, p. 450-467, jul./set. 2012.

¹⁷ *Ibidem* nota 4, pp. 12.

¹⁸ Os números indicam que a maioria das das pessoas a realizarem esse tipo de trabalho é de mulheres negras (em São Paulo são 14,3% de mulheres negras em relação a 5,9% de mulheres brancas; em Salvador são 12,1% contra 3,7%). “Esse quadro não se alterou. Em 2009, no Brasil, “pretos e pardos são, em maior proporção, empregados sem carteira [assinada] e representam a maioria dos empregados domésticos”. (Dados do IBGE/ PNAD (2010, p. 230) apud MARTINS, 2012).

desenvolver sua industrialização capitalista bastante estatal e nacionalista. Esse processo foi continuado por Juscelino Kubitschek em 1950 e depois intensificado também no período da ditadura civil-militar (1964-1985). A economia brasileira era baseada na produção de bens de consumo (carros e eletrodomésticos) e na exportação desses e outros produtos. O trabalho era bastante intenso, com baixos salários e longas jornadas. Esse processo levou o Brasil a se enquadrar entre as oito grandes potências industriais e foi durante a ditadura civil-militar que presenciou o maior momento de acumulação e expansão com o ‘milagre econômico’, onde os mais ricos conseguiram desenvolver suas vidas no mais alto padrão e os mais pobres sofriam cada vez mais com essa desigualdade tendo que morar e trabalhar em ambientes hostis e insalubres.¹⁹

Foi na década de 1980 que esse padrão começou a se alterar, quando outros países, considerados mais desenvolvidos, já estavam vivenciando a intensa transformação produtiva do capital com a crescente política neoliberal de organização tecnológica e com os indícios da nova divisão internacional do trabalho. Com isso o Brasil começou a ser influenciado pela tendência global do capital. Essas mudanças efetivamente mudaram os padrões das empresas com o uso de novas tecnologias, como os sistemas *just-in-time*²⁰ e *teamwork*²¹ que serviam para focar numa produtividade mais acertada e uma acumulação mais imediata. Métodos participativos e de envolvimento dos funcionários eram implantados muitas vezes por pressão das empresas multinacionais, ou pela competitividade internacional das capitais. Outro fator bastante significativo foram as greves de trabalhadores sindicalizados no ABC paulista (após de 1978) que mostraram uma nova face na luta por direitos trabalhistas, causando uma necessidade, por parte das empresas, de produzir uma resposta a esses confrontos. Portanto, durante os anos 1980 as indústrias de tecnologia, automação, microeletrônica, automobilística, siderúrgica, etc, foram ampliadas, através de uma nova configuração interna, as estratégias de acumulação.²²

Essas mudanças na economia afetaram o mercado de trabalho, que apresentou uma guinada diferenciada da que vinha acontecendo desde a década de 1950. Antes dos anos 1980 prevalecia a ampliação dos empregos regulares e assalariados e a redução do desemprego.

¹⁹ANTUNES, Ricardo; POCHMANN, Marcio. Dimensões do desemprego e da pobreza no Brasil. **Revista InterfacEHS**, v.3, n.2, 2008.

²⁰ O termo do inglês significa *na hora certa*, e o sistema diz respeito a estratégia de produção sob demanda, onde não há estocamento.

²¹ O termo do inglês significa *trabalho em equipe*, e se refere ao tipo de trabalho dividido em etapas e diferentes especializações.

²² Ibidem, nota 19, pp. 20.

Depois dos anos 1980 foi possível observar uma certa ruptura com o que vinha acontecendo até então. Desemprego, trabalhos não assalariados e trabalhos urbanos diversificados começaram a aumentar, gerando desestruturação do mercado de trabalho. Essa desestruturação é definida especificamente por três fatores: as altas taxas de desemprego aberto, desassalariamento e geração insuficiente de postos de trabalho.²³ O desemprego em larga escala no Brasil compreende uma das principais características da evolução da População Economicamente Ativa (PEA). Percebe-se que as taxas de desemprego apresentam atualmente valor muito maior em relação às do final dos anos 1980. Sabemos com os censos dos anos 2000 que o país continua diante de um crescimento no desemprego, mas a partir de 1999 são registradas novidades em relação a desestruturação do mercado de trabalho que começou nos anos 1980 por conta do conjunto de novas políticas neoliberais.

Especificamente o trabalho doméstico é um exemplo desta desestruturação. A partir dos anos 1980 o emprego doméstico começou a aumentar, e no ano de 2000 atingiu a mesma participação que em 1950.²⁴ Sabemos que o trabalho doméstico é marcado por ser geralmente feito de forma informal, sem carteira assinada, e como dito anteriormente, somente conseguiu ser regulamentado em 2013 a PEC 66/2013 - conhecida como a PEC das Domésticas - durante o governo de Dilma Rousseff. Iremos desenvolver melhor essa específica do trabalho doméstico no terceiro capítulo.

As principais características do mercado de trabalho no final da década de 1980 eram o desassalariamento, os baixos salários, a alta informalidade e o elevado subemprego. Os números da PEA nos ajudam a compreender este cenário: Em 1940, apenas um terço da PEA era assalariada, e, em 1980, a taxa de assalariamento alcançava dois terços da PEA ocupada. O assalariamento configurava um problema novo. Era resultado da exclusão de empregos com carteira assinada em decorrência de novas ocupações sem carteira assinada. Além disso, o mercado de trabalho não conseguia acompanhar o crescimento da economia industrializada. A industrialização e a geração de empregos não acompanhavam o ritmo da migração rural e da urbanização nacional.²⁵

Mas foi nos anos 1990 que essa nova configuração produtiva do capital apresentou maior desenvolvimento no Brasil com os sistemas já citados (*just-in-time* e *teamwork*) e outros,

²³ Ibidem.

²⁴ POCHMANN, Márcio. Mercado Geral de Trabalho: o que há de novo no Brasil?. **Parcerias Estratégicas:** Brasília, v. 22, p. 121-144, 2006.

²⁵ POCHMANN, Márcio. Velhos e novos problemas do mercado de trabalho no Brasil. **Indicadores Econômicos:** Porto Alegre. v. 26, n. 2, 1998.

como o *lean production*²⁶ e o *kanban*²⁷, implantados - do ponto de vista dos empregadores - em busca de universalidade na qualidade, e mediante - do ponto de vista do(a) trabalhador(a) - de subcontratação, terceirização do trabalho vivo e com baixos níveis de remuneração, pois muitas empresas, estrategicamente, se mudaram para locais em que poderiam oferecer menores salários, inclusive com incentivos fiscais do Estado.

A degradação do trabalho no Brasil neste período, pode ser observada a partir de seus números: em 1998 o desemprego aberto atingiu 9% no Brasil. Esse número aumenta para 27% se levarmos em conta a demanda de trabalho - ou seja, aqueles que necessitam de trabalho, mas não conseguem encontrar ou aqueles que se encontram em atividades com menos de 15 horas semanais e com baixos salários.²⁸ A desregulamentação do mercado de trabalho adotadas na década de 1990 terminou por contribuir ainda mais para o avanço da precarização das ocupações.²⁹

Em função disso, nota-se que durante a década de 1990 os sinais de desestruturação do mercado de trabalho foram mais evidentes. Um dos principais aspectos disso foi o significativo aumento do desemprego e do desassalariamento, provocado fundamentalmente pela contenção dos empregos com registro em relação ao total da ocupação. Portanto, como dito anteriormente, as novidades desse período no Brasil eram os novos problemas em relação as transformações da economia nacional que afetava diretamente o desemprego estrutural. A implementação do novo modelo econômico influenciou negativamente o mercado de trabalho.

Diferentemente dos anos 1980, em que havia um forte volume e movimentação dos trabalhadores que lutavam por seus direitos diante dos abusos empresariais, agora nos anos 1990 esses movimentos perderam força, deixando escapar a abertura de espaços de negociações e cooperações entre trabalhadores e empresários por conta da nova conjuntura econômica causada pelas já citadas mudanças, como das forças produtivas que levaram ao desemprego e da forte flexibilização do mercado de trabalho. As aberturas econômicas e privatizações do governo de Fernando Collor de Mello também impactaram a economia, e por consequência, as trabalhadoras e trabalhadores.

A abertura econômica, iniciada de forma atabalhoada com a queda abrupta das tarifas de importação para uma grande diversidade de produtos industriais, trouxe consigo o incremento do discurso da competitividade (agora em níveis internacionais),

²⁶ O termo do inglês significa *produção enxuta*, e se refere a forma de reduzir custos que não agregam valor.

²⁷ Este é um termo de origem japonesa que significa *cartão de sinalização*, onde há controle de estoque.

²⁸ Ibidem, nota 19, p. 20.

²⁹ Sobre a precarização do emprego e as medidas de desregulamentação do mercado de trabalho ver: Krein, 2001; Pochmann, 2003.

precipitando a entrada da fechada economia brasileira na circulação da rede global. Isso fez com que, forçosamente, fossem expandidos os processos de reestruturação produtiva: fechamento de fábricas, renovação tecnológica, terceirização, subcontratação, reorganização dos processos produtivos, enxugamento de quadros, entre outros, traduziram os ajustes.³⁰

Esse processo de reestruturação andava lado a lado de novas medidas liberais de privatização e do descaso de políticas públicas em vista desta nova demanda do mercado. As consequências desse aglomerado de impasses não tardaram a aparecer: antes da segunda metade da década de 1990 mais de 1 milhão de empregos foram destituídos do mercado, fazendo com que esses trabalhadores caíssem na informalidade ou no setor de serviços.

Hildete Pereira de Mello (1998) em seu estudo acerca do trabalho doméstico remunerado no período de 1985-1995 demonstrou que esse tipo de serviço era a principal fonte de ocupação das mulheres brasileiras no período. Dentre os anos de 1970 e 1980 o número de mulheres assalariadas cresceu 92% e o serviço doméstico remunerado, 43%. Todas as mudanças citadas acima sobre a industrialização da economia brasileira contribuíram para que houvesse uma queda na importância do emprego doméstico para as mulheres brasileiras. Esses números permanecem até a década de 1990, apesar da visão de que o trabalho doméstico é um serviço ultrapassado e pré-industrial, mas com o passar dos anos houve transformações e relações entre empregadora/empregada deixaram de ser tão pessoais - como uma relação de parentesco e proximidade - para se tornar mais profissionais e mercantilizadas. Apesar de a porcentagem da população feminina com ocupação tenha crescido de 1985 a 1995 (de 33,42% para 37,95%), esses números não representam grande mudança, pois o serviço doméstico remunerado ainda é principal ocupação das brasileiras, representando 27,43% num total de 20 atividades, coletadas pelo IBGE/PNAD. Em números absolutos, são quase 5 milhões de mulheres que exercem essa ocupação (4.782.016 mulheres, enquanto os homens somam cerca de 350.000). As mulheres se concentram nas atividades de domésticas, trabalhadoras rurais e comerciantes. Em 1995 representavam 46% da mão-de-obra feminina. Adicionando os números de ocupações como professoras, enfermeiras/ou da saúde num geral, indústria têxtil e eletroeletrônica, a porcentagem atinge 80% das trabalhadoras brasileiras.³¹

Os anos 2000 mantiveram esse enxugamento da força de trabalho, somado às mudanças na lógica interna do processo produtivo e de organização do trabalho. A

³⁰ Ibidem, nota 11, pp. 18.

³¹ MELO, Hildete Pereira de. De Criadas A Trabalhadoras. **Revista de Estudos Feministas**: v. 6, n. 2, 1998, p. 323-357.

flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais vindos das décadas anteriores afetaram a sociabilidade do processo produtivo. A baixa remuneração atrai o fluxo produtivo do capital tanto quanto o avanço tecnológico e a ‘melhor qualificação’ de empregados causa aumento na superexploração do trabalhador, o que acaba por gerar maiores níveis de desemprego, motivado pelo capitalismo. Nessa lógica, os empregos mais valorizados ficaram reservados para as populações de mais alta renda, gerando maior crise na reprodução social do mercado de trabalho. Há maior número de trabalhadores pobres e sem perspectiva de ascensão por meio desta lógica.³²

Apesar de prometer reformular a CLT e de não compactuar com políticas de conciliação, os governos Lula mantiveram essas posturas antes vistas como inimigas da classe trabalhadora pelo próprio presidente em questão. Em 2003 foi criado o Fórum Nacional do Trabalho (FNT), para negociar, a partir de representantes do governo, com centrais sindicais e empresários.³³

Autores, como Márcio Pochmann, analisaram o mercado de trabalho por meio de dados do IBGE (PNAD). O autor buscava identificar novos elementos do mercado de trabalho e sua desestruturação desde os anos 1980 até os anos 2000. Segundo o autor, a desestruturação continua, mas há mudanças na tendência geral do mercado de trabalho. De 1979 até 1999 a precarização era ampliada em relação as ocupações. Nesse Período, $\frac{2}{3}$ dos postos eram de trabalhos abertos e ocupações precárias. Houve também um crescimento do desemprego aberto e de ocupações não assalariadas: “De cada dez postos de trabalho abertos, por exemplo, quatro foram não-assalariadas, enquanto 21 de cada cem pessoas que ingressaram no mercado de trabalho ficaram desempregadas entre 1979 e 1999.”³⁴ Para Pochmann, no período posterior, de 1999 a 2004, há uma mudança nessa lógica. O assalariamento passou a dominar o número de ocupações abertas, atingindo 87% das novas vagas. Além disso, a taxa de desemprego aberto caiu e mais de $\frac{2}{3}$ desses empregos assalariados eram com carteira assinada. Somando, essas duas características, 56,5% da população em 1999 estava em emprego assalariado com carteira assinada. Essas mudanças se devem ao melhor desempenho industrial. O setor secundário gerou $\frac{1}{3}$ das novas ocupações. O setor de serviços, que antes era totalidade dos postos urbanos, agora neste novo período passou a ser de $\frac{2}{3}$. De 1999 até os anos 2000 há um fortalecimento do trabalho urbano que acabou elevando o número de empregos assalariados com carteira assinada,

³² Ibidem, nota 19, pp. 20.

³³ Ibidem, nota 11, pp; 18.

³⁴ Ibidem, nota 19, pp. 20.

assim como a queda na taxa de precarização de trabalho, caracterizada pela queda na taxa de desemprego aberto. O autor afirma que essa mudança se deu pelo novo regime cambial em 1999, assim como o crescimento do comércio externo.³⁵ Mas o setor industrial não caracteriza a totalidade da realidade empregatícia do Brasil.

Em 2013 Ricardo Antunes já apontava para uma nova tendência de terceirização, informalidade e precarização no período. E esses indicadores são peças chave para a ampliação da lógica capitalista do mercado de trabalho no Brasil. A partir de 2007 os trabalhos regulamentados que eram dominantes no século passado através da lógica taylorista/fordista foram sendo atropelados por mudanças já citadas: terceirização, informalidade e precarização. Com isso, foram geradas novas modalidades de trabalho em diferentes setores, tanto na indústria, quanto na agricultura ou nos serviços. “Assim, a informalidade deixa de ser a exceção para tendencialmente tornar-se a regra e a precarização passa a ser o centro da dinâmica do capitalismo flexível, se não houver contraposição forte a este movimento tendencial de escala global.”³⁶

A acumulação flexível que o autor cita diz respeito ao padrão de produção distinto daquele taylorista/fordista. Vem da experiência japonesa e de seu crescimento tecnológico pós-guerra, introduzindo computadores como força de trabalho. O nome se dá pelo descompromisso em relação a contratos de trabalho, onde estes são subcontratados por empresas terceirizadas com salários também flexíveis. Os dois sistemas de produção se relacionam de maneira oposta em relação a sua força de trabalho. Enquanto no padrão taylorista/fordista o valor da empresa cresce junto com o número de operários, agora com a acumulação flexível, quanto menos trabalhadores, maior a produtividade.³⁷ Através dessa lógica capitalista de produção desenfreada, os trabalhadores são os mais prejudicados: perda de direitos e de autonomia, contratos temporários e terceirização. O trabalhador passa a trabalhar como desempregado. E essa lógica vai ser, inclusive, como forma de legitimação, chamada de *empreendedorismo* ou *trabalho voluntário*.

A crescente terceirização do trabalho no Brasil caracteriza as transformações do capitalismo como uma forma de gestão para controlar o trabalho e aumentar a acumulação. Isso porque a força de trabalho é tratada como uma mercadoria. Ela é, portanto, vendida e negociada

³⁵ Ibidem.

³⁶ ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização como regra? **Rev. TST**, Brasília, vol. 79, no 4, out/dez 2013.

³⁷ Ibidem, nota 36, pp. 25.

como qualquer outra, mas nesse caso de uma forma muito mais flexível, substituível ou descartável. Temos que lembrar que essas relações de compra e venda de força de trabalho nada mais são que pessoas construindo relações de troca, mas dentro de um sistema econômico. As relações entre empresas-empregados são regidas por essa lógica e as pessoas envolvidas pagam, literal e não literalmente, o preço por essa exploração.

No Brasil, essa realidade vem crescendo nas últimas duas décadas, onde percebemos inclusive muitas atividades análogas à escravidão. Esses trabalhadores subcontratados são chamados de *terceiros*, ou seja, são intencionalmente distintos dos demais por sua relação flexível de trabalho. Esses trabalhadores estão completamente vulneráveis em relação a sua saúde, por exemplo, por conta da segurança no trabalho, pois não serão remunerados em caso de adoecimento ou acidente no trabalho.³⁸

Em abril de 2015 foi aprovado pela Câmara o projeto de lei da terceirização 4330/2004 que permite qualquer contratação de terceirizado, desde que focado em uma atividade específica.³⁹ Depois de 10 anos de tramitação, o projeto que discutia acerca de contratos de prestação de serviços de terceiros foi aprovado. Ele está alinhado com as “101 propostas para a modernização trabalhista” - texto apresentado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 2012 – pois ambos pretendem afastar o poder do Estado na regulação do trabalho, permitindo a liberalização do capital agir mais livremente ignorando a CLT. Apesar das investidas e lutas em resposta de forças sindicais⁴⁰ em relação ao projeto, com cartas, manifestos, abaixo-assinados, a Câmara aprovou em 2015, confirmando a terceirização como regra da lógica liberal de contratação do mercado de trabalho no Brasil.⁴¹

Todas essas mudanças da lógica capitalista que estão cada vez mais fortes no Brasil e no Mundo partiram dos novos mecanismos do neoliberalismo, um novo cenário político que apresenta alternativas à presente atuação do Estado, e que está gerando graves consequências a classe trabalhadora, como já mencionado anteriormente: o crescimento do desemprego, a precarização estrutural do trabalho, a diminuição dos salários e dos direitos trabalhistas.⁴² Dessa

³⁸ *Ibidem*, nota 36, pp. 25.

³⁹ CAVALLINI, Marta. Entenda o projeto de lei da terceirização aprovado na Câmara. **G1: Globo**. São Paulo, 05 abr. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2015/04/entenda-o-projeto-de-lei-da-terceirizacao-que-sera-votado.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

⁴⁰ Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho), ANPT (Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho), o Conselho Superior do Ministério Público do Trabalho, o Conselho Federal da OAB, o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho – Sinait, o Fórum Permanente em Defesa dos Trabalhadores Ameaçados pela Terceirização, a ALAL (Asociación Latinoamericana de Abogados Laboralistas), etc.

⁴¹ *Ibidem*, nota 32.

⁴² ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho: As múltiplas formas de degradação do trabalho. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 1, p. 19-34, 2008.

forma houve o crescimento de uma nova lógica na escala produtiva de maneira global baseada no que convencionou-se chamar de *lean production* (empresa enxuta), empresas que abrem portas para a entrada de tecnologia e maquinário (trabalho morto) e fecham aquelas indicadas para a mão-de-obra (trabalho vivo)⁴³.

O século XX é marcado pela escassez do trabalho contratado e regulamentado, que foi sendo substituído pelas terceirizações e flexibilizações do empreendedorismo, que através dos ideais do neoliberalismo permite uma maior flexibilização de salário, horário e organização, gerando assim uma precarização do trabalho; e do cooperativismo, que antes tinha sido criado pela falta de emprego, agora as empresas estão falseando cooperativas para gerar ainda mais precarização e diminuição nos direitos do trabalho. Ou seja, aqueles direitos que foram conquistados pela classe trabalhadora após 1930 no Brasil, e durante a Revolução Industrial na Inglaterra estão sendo destruídos com esse cenário, pois está gerando a flexibilização da legislação social do trabalho. Se antes a informalidade era vivida marginalmente pela classe trabalhadora, hoje vemos que pelo menos metade dela se encontra nessa condição: sem direitos, sem rede de proteção e sem carteira de trabalho, com baixos salários ou no desemprego.

Nos Estados Unidos a “nova moda” é a lógica do *Manpower*⁴⁴, onde há contratação temporária de funcionários para todas as áreas através de curtos programas de treinamento. Na Espanha temos o caso da empresa *Telefônica*, onde trabalhadores atuam de maneira incansável e sem mesa de trabalho, através de um sistema de metas. A China, país em constante crescimento, passou por uma queda no número de trabalhadores por conta do avanço técnico-científico industrial, gerando 26 milhões de desempregados em 2009, e por conta disso o Partido Comunista chinês enfrentou diversas manifestações da população. No Japão, jovens operários migram em busca de trabalho e dormem em cápsulas de vidro para sobreviver a precariedade. No Reino Unido o número de mulheres empregadas ultrapassou o de homens, mas sabemos que este não pode ser considerado um avanço, pois os números crescem inversamente. Enquanto o número de mulheres empregadas aumenta, os seus salários e direitos não crescem juntamente. A remuneração de mulheres continua menor em relação ao de homens.⁴⁵

Em alguns países europeus - como Alemanha, Países Baixos e Grã-Bretanha - o trabalho em tempo parcial é norma do emprego feminino. A norma na França é o trabalho em turno integral, mas essa realidade está começando a mudar. Sobre isso, temos um debate recente

⁴³ Termos definidos em MARX, Karl. **O Capital** (volume I) 2ª ed. Editora Boitempo: São Paulo, 2011.

⁴⁴ Do inglês tem tradução literal de *poder masculino*, e tradução do termo de *mão-de-obra*.

⁴⁵ *Ibidem*, nota 19, pp. 20.

com Helena Hirata acerca das particularidades da precarização e da aplicação da flexibilização do trabalho das mulheres na França. A autora afirma que há uma crescente modalidade de contratação de trabalhos em tempo parcial. Essa modalidade acaba por gerar grande insegurança de trabalho, carreira, renda, etc. Em 1982 o total de mulheres francesas que se encontravam nessa situação era de 18%, e atualmente esse número alcançou os 31%, e se comparada a situação masculina, as mulheres representam 83% neste tipo de ocupação. Além da jornada curta, as mulheres são maioria em trabalhos de aprendizagem, com contratos de tempo determinado, principalmente as mais jovens e menos qualificadas.⁴⁶

Esses foram alguns exemplos para demonstrar que a realidade do mercado de trabalho brasileiro exposta aqui em poucas páginas não está focalizada nesta parte da América Latina. A crescente lógica neoliberalista de degradação das condições dignas de trabalho no mundo capitalista é geral e globalizada, portanto, não estamos sozinhas na precarização, e essa generalização se dá pela lógica capitalista de acumulação desenfreada. Nossas fontes são filmes brasileiros, mas poderíamos trabalhar dialogando com filmes estrangeiros que trazem discussões parecidas acerca do trabalho doméstico remunerado, por mais que tenham suas particularidades. Um exemplo seria o filme *Roma* (2018) que tem como protagonista uma empregada doméstica remunerada e trata da questão dos cuidados familiares e da proximidade muito maior que essas mulheres trabalhadoras acabam tendo com os filhos do que suas próprias empregadoras, e por consequência, a doméstica não consegue se dedicar a própria maternidade. Vale aqui destacar um diálogo do filme *Que Horas Ela Volta?*:

[Val] Convença ela, diga que mainha tá morrendo de saudade. Oh meu amor, oh coisa rica de mainha. Tá fazendo tudo direitinho? Tá obedecendo Sandra? Pronto. Não fale assim não. Fale direito com sua mãe, que eu telefonei só pra dar um cheirinho. Oh, lhe amo tá? Tchau. [Fabinho] Quem você disse que ama? [Val] Minha fia. [Fabinho] Onde ela tá? [Val] Ih, ela tá lá longe. (QUE HORAS ELA VOLTA?, 2015, 1'08" – 1'53")

Essa mesma questão é um dos pontos principais de um dos filmes analisados por este trabalho. *Que Horas Ela Volta* (2015) está o tempo todo tentando nos dizer, desde a primeira sequência – como destaquei acima -, que Val tenta o tempo todo compensar o tempo longe de sua filha. Tenta reavivar os laços afetivos com Jéssica quando ela vai para onde a mãe mora, mas não consegue. Pois esses anos todos longe da filha foram para cuidar de um filho que não era seu.

⁴⁶ HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**: Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

2. UM ESTUDO CRÍTICO CULTURAL

A cultura vai além de do cotidiano gestual, do vestuário, e dos signos de compartilhamento social e alcança ideias, valores e representações se são construídas e transformadas coletivamente e que perpassam as ações artísticas, intelectuais e criativas. Para que façamos análises fílmicas, precisamos compreender o lugar do cinema na nossa sociedade, por isso a necessidade de trabalharmos com o conceito de cultura. Podemos compreender que o cinema, como inserido na mídia, portanto, o cinema é forte gerador dessas práticas sociais: é um agente cultural de representações, modelos e formas de agir e pensar da nossa sociedade.⁴⁷

Mas que cinema é esse? Como ele está inserido na mídia? Estamos o tempo todo cercado por produções midiáticas, e muitas vezes as reproduzindo e/ou produzindo. O que antes era protagonizado pelo rádio e pela TV agora passou a ser o lugar da internet. Na palma da mão temos toda uma gama de representações que influenciam no nosso comportamento, no nosso modo de pensar e no modo como vemos os outros; e modelos culturais que são produzidos comercialmente, ou seja, a cultura é mercadoria, é comercial, é industrial. A cultura popular procura atrair o lucro de empresas para o acúmulo do capital, portanto visa o maior número possível de audiência.⁴⁸

Teorias dos anos 1960 e 1970 influenciadas pela Escola de Frankfurt procuraram trabalhar os meios de comunicação como forças que controlam os espectadores por meio da manipulação, que são uma massa amorfa sem reação. Já os pós-estruturalistas focam seus trabalhos vendo os espectadores por um olhar de excessiva resistência a essas forças de produção midiática. Com este presente estudo pretendemos alcançar um meio termo localizado entre essas duas perspectivas, estando mais alinhados com os estudos culturais de Douglas Kellner que simpatiza muito mais com a perspectiva da Escola de Birmingham anterior aos anos 1980. Pretendemos desenvolver um estudo cultural crítico - ou seja, que parte de produções midiáticas, essas sendo compreendidas como agentes culturais – que se debruce sobre diferentes formas de opressão e dominação relacionadas a tríade gênero, classe a raça e suas formas de representação e transformação.⁴⁹

Não nos cabe aqui fazer apenas críticas vazias e sem perspectiva. Percebemos a emergência de um estudo que aborde essas questões em um debate historiográfico, para que se

⁴⁷ LAGNY, Michele. **Cine e historia**: problemas y métodos en la investigación cinematográfica. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.

⁴⁸ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. EDUSC: Bauru, 2001.

⁴⁹ Ibidem.

possa avançar na luta por direitos. Visamos identificar processos de identificação na sociedade e nas representações midiáticas - neste caso, o cinema -, para relacionar nossas análises teóricas com o desenvolvimento de práticas políticas de contestação visando mudanças no estado atual do mercado de trabalho brasileiro, e principalmente perceber as desvantagens das mulheres negras nessa sociedade.

2.1. História Social

Para este trabalho acreditamos pertinente um estudo de História Social. Ligada ao movimento dos Annales de Marc Bloch e Lucien Febvre e seu distanciamento da história factual, tradicional, focada em grandes homens e batalhas, tal abordagem estava mais preocupada com um alargamento metodológico, com a busca de novas fontes e interdisciplinaridade. Surgiu para buscar novas relações diferentes grupos sociais, e buscava priorizar "a experiência humana e os processos de diferenciação de individuação dos comportamentos e identidades coletivos - sociais - na explicação histórica."⁵⁰ Ligando o estudo histórico com do cinema, pretendemos analisar as representações fílmicas, compreendendo que estes não espelham a realidade, mas trazem representações que podem nos ajudar a compreender o modo como a sociedade enxerga e constrói suas personagens e signos.

Um estudo de História Social é importante principalmente porque temos uma valorização do cinema como fonte. A História Social gerou mudanças no desenvolvimento da História tradicional, pois aumentou a gama de possibilidades de pesquisa com o alargamento de fontes e perspectivas. Para compreendermos da melhor forma possível com esse campo temos o dever de tocar em todos os assuntos que envolvem nosso objeto. Apesar de não ser possível analisar todas essas questões, devemos fazer escolhas e recortes para captar aquilo de mais importante que podemos analisar.⁵¹

2.2. Cinema e História

Compreendemos o cinema inserido nas relações sociais como meio de comunicação, que se apresenta como fonte de signos da sociedade, e representa e atua dentro de seu contexto. Todo filme passa por um longo processo de criação, onde a imagem é transmitida a partir da realidade

⁵⁰ CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus: 1997, pp. 54.

⁵¹ HOBSBAWM, Eric. **Da História Social à História da Sociedade**. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História: Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

do produtor. Portanto, o cinema é sempre ficcional, o discurso é sempre controlado por quem o produziu.⁵² O filme também é visto como agente da história, em que diversas sociedades diferentes se utilizaram para defender ou desqualificar algum ponto de vista ao longo da história. Tendo então uma linguagem própria e que deve ser analisada como tal.⁵³ Julgamos importante a prática de uma análise fílmica bem estruturada. Para isso, será realizada a decupagem dos filmes.

A decupagem se dá em forma de texto, onde são separadas as partes do filme pelas sequências (conjunto de cenas que formam uma unidade - seja pelo espaço ou pelo tempo do enredo) A análise é feita de forma escrita, procurando maneiras de transpor a linguagem audiovisual. Para isso, nos utilizamos de técnicas e estratégias que podem facilitar a compreensão do filme. Além de ver e rever, pausar e refletir, é preciso analisar nossas próprias conclusões para avaliar novas conclusões. Para isso, a decupagem se torna um mecanismo essencial para a análise cinematográfica. Analisar um filme primeiramente significa separá-lo e denominar suas partes. Para que se compreenda as partes em relação ao todo e se distancie de seu objeto. A segunda parte é o caminho inverso, compreender o todo em relação as suas divisões, entender aquilo que liga, encontrar os elementos constitutivos.⁵⁴

Como se tratam de filmes de ficção, talvez seja necessário fazer uma maior justificativa em relação a sua legitimidade enquanto fonte histórica. Por meio de um olhar mais crítico voltado para o desenvolvimento dos estudos cinematográficos atentamos ao fato de, inicialmente, ter havido um certo consenso, que depois viria a ser quebrado, de que o cinema serviria como um testemunho da realidade. Nos anos 1920 começaram a surgir os primeiros trabalhos que consideravam o cinema como fonte, mas apenas os documentários - gênero mais comum da época -, justamente pela ideia de que não teriam uma carga ideológica, o que tornaria possível uma análise mais imparcial. Foi o jornalista Siegfried Kracauer que trouxe os filmes de ficção para a discussão histórica. Kracauer trouxe uma nova visão para o estudo cinematográfico e influenciou muitos posteriormente para uma análise que buscasse o não dito, aquilo que está por detrás das câmeras. Mais tarde, cineastas russos como Dziga Vertov e Serguei Eisenstein defenderam também, o cinema de ficção, dando maior importância a montagem.⁵⁵

⁵² XAVIER, Ismail. **O discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

⁵³ FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

⁵⁴ VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.

⁵⁵ KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

Com a visão de que a realidade mostrada na tela é criada pela montagem. Marc Ferro defendeu que nenhum dos dois (ficção ou documentário) conseguiria retratar a realidade, sendo necessário para uma análise que se utilize deles para uma investigação cultural e social. Marc Ferro entende que todo filme, independentemente de seu gênero, deve ser analisado, pois todos possuem informações sobre seu tempo. Para isso, o historiador precisa ter conhecimentos teóricos e técnicos sobre o estudo cinematográfico. O filme de ficção, segundo o autor, tem uma vantagem em relação ao documentário. Geralmente são filmes mais populares, facilitando assim a análise de recepção. Ambos os gêneros trazem uma realidade social e devem ser analisados de modo a captar essas nuances em sua montagem e produção, além da narrativa. Em relação a uma análise fílmica de ficção, é necessária a identificação do público-alvo, da relação entre obra e autor, obra e sociedade, etc. Essa análise vai ser definida por meio da metodologia utilizada.⁵⁶

Nos utilizaremos majoritariamente de uma análise narrativa dos filmes, mas quando julgarmos pertinente, também adotaremos uma perspectiva de análise formal, compreendendo aspectos da decupagem clássica como também importantes para a construção da narrativa fílmica. Para compreendermos os lugares desses filmes no contexto social, devemos nos atentar a sua veiculação e sua ligação às instituições culturais que direta ou indiretamente podem determinar a circulação de determinado produto. Não é possível compreender um filme isolando-o, portanto, precisamos recorrer aos veículos de comunicação que transmitem, tornam popular e disseminam essas informações. Compreendemos que as produções estão inseridas no que o historiador Alexandre Valim chama de circuito comunicacional, que envolve a produção, a mediação e o consumo. Ele se dá pela relação entre o produto e seu contexto. Todo filme produz e reproduz práticas sociais e as dinamiza, criando função e sentido a essas práticas. Seria inviável a análise de um filme isoladamente. É necessário atentar também à sua produção, veiculação e recepção, assim os meios de comunicação nos ajudam a compreender o cinema em seu contexto cultural.⁵⁷

O estudo dos gêneros cinematográficos é um alargamento do estudo dos gêneros literários, mas é preciso indicar suas diferenças. Rick Altman define o gênero cinematográfico a partir de múltiplos significados: uma fórmula ditada pela produção industrial; estrutura formal que

⁵⁶ MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.

⁵⁷ VALIM, Alexandre. História e Cinema. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2012.

compõe os filmes; categoria escolhida para comunicar, distribuir e exibir; contrato/acordo feito entre o filme e o espectador. As concepções de Dudley Andrew apontam para os gêneros cinematográficos como agentes importantes na economia global do cinema, pois a indústria cinematográfica, por necessidade social, produz mensagens a um grande número de pessoas. Essas mensagens são representadas através de significados e práticas impressas nos filmes.⁵⁸

2.3. Gênero e Interseccionalidade

De uma perspectiva de gênero é preciso retomar algumas perspectivas trazidas por Joan Scott. O trabalho dessa autora é oportuno por realizar o encontro entre história das mulheres a história política, se utilizando do gênero como categoria de análise.⁵⁹ O termo gênero serve para apontar às construções sociais como fruto de papéis atribuídos a determinados indivíduos, nesse caso, a homens e mulheres. E esses atributos são constituídos por relações sociais baseadas em suas diferenças, geradas no interior de relações de poder. É imprescindível que apontemos as desigualdades e injustiças geradas por essas relações. Seja no embate entre os sexos, seja dentre os mesmos. O gênero é utilizado para demonstrar como são errôneas certas distinções biológicas entre os sexos que subordinam as mulheres. As analogias com classe e raça são explícitas nesse tipo de estudo, ou seja, tem forte envolvimento com a história vinda de baixo, uma análise do sentido e da natureza de sua opressão. Joan Scott separa sua definição de gênero em duas partes: 1. o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e 2. o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais são representações de poder, mas a mudança não é unidirecional. O gênero implica em quatro elementos interrelacionados: os símbolos culturais, conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos de feminino e masculino, sistema de parentesco (lar, família, organização social), e o gênero como identidade subjetiva. Esses elementos não podem operar sozinhos, por mais que não possam simultaneamente.

Kimberlé Crenshaw foi a primeira teórica a usar o termo ‘interseccionalidade’ em 1989. Tinha uma preocupação em relacionar diferentes formas de discriminação. A interseccionalidade nos ajuda a pensar as experiências das mulheres negras a partir de uma

⁵⁸ VALIM, Alexandre Busko. Os gêneros cinematográficos nas relações entre o cinema e a História. In: Alberto Gawryszewski. (Org.). **Olhares sobre Narrativas Visuais**. 1ed. Niterói - RJ: EDUFF, 2012, v. 1, p. 22-38.

⁵⁹ SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade: Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

perspectiva que cruze as categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero: “As mulheres negras são afetadas, de maneira específica, pela combinação dessas duas formas diferentes de discriminação.”⁶⁰ Porém, antes mesmo de Crenshaw, podemos perceber uma preocupação dentro de lutas feministas em relação a essas diferentes camadas de opressão e de movimentos muito importantes, que foram articulados fora do debate acadêmico, como o movimento feminista abolicionista dos Estados Unidos do século e o caso britânico que teve forte relevância com a participação do movimento Feminismos Negros Britânicos na criação da Organização de Mulheres de Ascendência Africana e Asiática (OWAAD) em 1978, - que tinha o intuito de gerar discussões acerca das experiências de classe social, raça e gênero e diferenças culturais na vida de mulheres “não-brancas”⁶¹.

Essas manifestações e atuações políticas foram de extrema importância para que o debate interseccional se tornasse mais visível e popular. Numa via mais acadêmica podemos citar Angela Davis⁶², bell hooks⁶³ e Patricia Hill Collins⁶⁴ como fortes referências para uma visão mais atenta em relação aos problemas homogeneizantes das mulheres e a necessidade de uma diferenciação, também, das desigualdades de “raça” e classe social em relação às experiências de mulheres.

Considerando o campo da interseccionalidade muito vasto, podemos compreendê-lo como um aparato que nos ajude a enxergar as diferenças marcadas pelas desigualdades sociais, aliando a isso as relativas formas de resistência, questionamento de desconstrução dessas desigualdades.

⁶⁰ CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Cruzamento: raça e gênero: UNIFEM, 2004.

⁶¹ HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **MEDIAÇÕES**: Londrina, v. 20 n° 2, pp. 97-128, jul./dez., 2015.

⁶² Filósofa estadunidense e militante importantíssima para o movimento negro dos Panteras Negras nos anos 1970. Sua obra mais conhecida: DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Boitempo: São Paulo, 2016.

⁶³ Autora feminista estadunidense. Tem seus principais estudos nas áreas de raça, gênero e classe. Sua obra mais conhecida é: hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante: São Paulo, 2019.

⁶⁴ Socióloga estadunidense, trabalha com feminismo e gênero. Sua obra mais conhecida atualmente: COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo: São Paulo, 2019.

3. TRABALHO DOMÉSTICO REMUNERADO

Logo no início do filme *Que Horas Ela Volta?* (2015) nos deparamos com representações de situações bastante comuns no cotidiano de mulheres brasileiras da classe trabalhadora. Val é a protagonista do filme e lida com o fato de morar na casa dos empregadores há anos, acabando por criar o filho deles, e não podendo criar sua própria filha. Num diálogo no início do filme, vemos como esse assunto é bastante delicado para a personagem, que conversa com a outra empregada da casa. Elas conversam sobre como a outra doméstica cuida de seu filho. Val diz que ela “denga” demais o filho. Sua colega justifica, dizendo que é difícil criar o filho sozinha. Além do outro recorrente problema que temos, onde há muitas mães tendo que criar os filhos sozinhas como mães solo, o filme traz essa questão das domésticas que são obrigadas a abrir mão da própria maternidade. Quando a colega de Val percebe que tocou num assunto delicado, logo pede desculpas, e elas continuam a trabalhar.⁶⁵

Desde os anos 1970 o número de mulheres no mercado de trabalho brasileiro só aumenta, principalmente nas áreas urbanas. Isso se dá, além de outros fatores, como mudanças culturais, também por conta da necessidade econômica crescente devido a diminuição dos salários dos trabalhadores. O trabalho doméstico remunerado foi o que mais cresceu dentre 1980 e 2000: “foi de 4% ante a variação média de 2,1%, no total da ocupação no país, para o mesmo período.”⁶⁶

As transformações econômica, social e política ocorridas desde os anos 1950 até os dias de hoje levaram a composição do mercado de trabalho a grandes mudanças, uma delas é a entrada em larga escala das mulheres, diante da preocupação com a manutenção de suas famílias, o que refletiu diretamente em suas vidas. As mulheres entraram no mercado de trabalho em atividades mais tradicionais e secundárias, como empregadas domésticas, trabalhadoras rurais, professoras e comerciantes. O sistema capitalista dependente brasileiro não acompanhou a crescente industrialização, deixando de lado políticas sociais, garantia de direitos e de cidadania, além do grande número de trabalhadores informais. Destacamos aqui dois setores que ficaram de fora da legislação trabalhista: os trabalhadores rurais e as empregadas domésticas.⁶⁷

⁶⁵ Sequência 3: 4’45” – 7’24”.

⁶⁶ POCHMANN, 2003 apud MELO, Hildete; BANDEIRA, Lourdes. A Divisão Sexual do Trabalho: trabalho doméstico remunerado e a sociabilidade das relações familiares. *Gênero*: Niterói, v. 13, 2013, pp. 35

⁶⁷ A CLT, criada em 1943 deixou de fora os trabalhadores considerados desqualificados, com baixos salários e com grande jornada de trabalho.

Essa nova camada de mulheres trabalhando não vem apenas das famílias mais pobres, mas também das camadas médias. Portanto, outras causas devem ser agregadas, como o aumento do consumo de novos produtos. Esse cenário gerou mudanças econômicas e morais na sociedade brasileira: ao mesmo tempo que as famílias de classe média e baixa passaram a elevar seus padrões de consumo por conta da contribuição das mulheres na renda familiar, também o crescente movimento feminista contribuía para a quebra de padrões e valores tradicionais, impulsionados pela maior presença feminina nos espaços públicos como trabalhadoras.⁶⁸ O considerado papel das mulheres na sociedade se transforma e contribui para a redução do número de filhos por mulher, o crescimento de mulheres escolarizadas, a ampliação do acesso a universidades, além, é claro, de mudanças no comportamento.⁶⁹ “Em 1980 a PEA feminina alcançou a taxa de participação de 27,39% da PEA total e em 1991, esta passou para 32,47% (Censos/IBGE).”⁷⁰ Apesar do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, esse cenário não provocou mudanças significativas na divisão sexual do trabalho, portanto as mulheres continuaram a trabalhar dentro de casa ao mesmo tempo em que trabalhavam fora de casa, duplicando sua jornada.

A ideia aqui é trazer todas essas questões à luz da “divisão sexual do trabalho”, que melhor explica todas essas características da expansão da inserção das mulheres no mercado de trabalho, assim como questões de “interseccionalidade”, que nos permitem compreender porque a maior parte das trabalhadoras desse setor são mulheres negras.

Relatos de empregadas domésticas declaram que muitas vezes, eram entregues a famílias desde muito novas, para que fossem criadas - nos mais diversos significados da palavra - por essas famílias com a promessa de uma vida melhor, com educação formal e melhores condições. No entanto, essas mulheres se depararam com o oposto dessas promessas. O trabalho infantil era muito comum nesses casos, com longas jornadas de trabalho pesado, desvalorização de seus serviços com negociações por parte das/os empregadoras/empregadores, sob a alegação de criação e pertencimento a família. Nesses casos a identidade de gênero compartilhada entre mulheres não é suficiente para gerar solidariedade entre elas por conta das diferenças de classe e raça. Os casos de racismo e discriminação de classe são frequentes, realizados pela empregadora. Relatos de violência também são bastante comuns, principalmente violência

⁶⁸ MELO, Hildete; BANDEIRA, Lourdes. A Divisão Sexual do Trabalho: trabalho doméstico remunerado e a sociabilidade das relações familiares. **Gênero**: Niterói, v. 13, p. 31-48, 2013.

⁶⁹ BRUSCHINI, Maria Cristina. O Trabalho da Mulher Nas Décadas Recentes. **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.N/E, p. 179-203, 1994.

⁷⁰ *Ibidem*, nota 68, pp. 36.

sexual, e esses casos são silenciados e naturalizados dentro do espaço doméstico, como fazendo parte da relação entre empregador e empregada.⁷¹

É evidente que a diferença das mulheres se dá pelo fato de que sua posição no mercado de trabalho está submetida a sua posição na unidade familiar. A tradição é de que as mulheres seriam detentoras do lar, e a vida doméstica e tudo que ela engloba seria de suas responsabilidades, portanto, sua liberdade para atuar profissionalmente (e em qualquer âmbito que não o doméstico) está à mercê dos seus papéis familiares. Os homens atingem seu auge no trabalho na faixa de 30 a 40 anos, já as mulheres, costumam atingir esse índice aos 24 anos, e depois decaem, devido as responsabilidades familiares serem geralmente atribuídas a elas socialmente. A presença de filhos é o fator que mais pesa, pois assume-se ser responsabilidade das mulheres a guarda, os cuidados, a educação, e todo o aparato de criação, o que acaba por limitar o acesso igual ao trabalho remunerado.⁷²

Diante da relegação ao trabalho doméstico e a família, ou as ocupações com menos autonomia, as mulheres são minoria em empregos executivos e profissões e cargos com salários mais altos, sendo assim, seus espaços profissionais são localizados e limitados. Sabemos que atualmente o número de mulheres em empregos e cargos mais relevantes está aumentando, mas esse aumento é acompanhado paradoxalmente do crescimento da precarização. Há um crescimento mundial dos empregos assalariados e trabalhos remunerados de mulheres. As mulheres estão ocupando cada vez mais o mercado de trabalho formal e informal, assim como o setor de serviços.

Mas não podemos deixar de perceber a também crescente polarização do trabalho assalariado feminino, em que, de um lado, há mais mulheres executivas, bem qualificadas, em altos cargos - e sabemos que esse mercado aceita apenas uma parcela ínfima da população -, e de outro, também cresce o número de funcionárias públicas, nos ramos da saúde, educação e serviços de limpeza – e a população que ocupa esses cargos de menor remuneração e qualificação necessária, sabemos que é cada vez maior e específica de pessoas não brancas e de camadas mais pobres da sociedade.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2013), o Brasil é o país com mais empregados domésticos no mundo. Devemos levar em conta que essa categoria só existe

⁷¹ COSTA, Joaze Bernardino. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30 n. 1, 2015.

⁷² BRUSCHINI, Maria Cristina. **O Trabalho da Mulher Nas Décadas Recentes**. Revista Estudos Feministas, IFCS/UFRJ Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.N/E, p. 179-203, 1994.

se há alta concentração de renda nas mãos de pessoas que podem contratar serviço. E do outro lado da balança deve haver uma massa trabalhadora disposta a vender sua mão-de-obra.⁷³ Ou seja, além de ser uma questão de gênero e raça, é também uma questão de classe. Mulheres das classes mais altas são as que mais contratam esse tipo de serviço, justamente para que possam usufruir de sua posição na sociedade, e alimentando a divisão social do trabalho atingindo cargos mais valorizados e melhor remunerados, como foi exposto acima.

A partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2008-2009, constata-se que quase 70% das famílias pertencentes ao décimo mais rico da população contratam uma trabalhadora doméstica, o que significa que cerca de 58% das trabalhadoras domésticas do país são empregadas por famílias situadas entre os 10% mais rico da população (Pinheiro, Gonzales & Fontoura, 2012).⁷⁴

O serviço doméstico é majoritariamente feito por mulheres negras, pois essas tarefas não exigem alta qualificação, apenas a experiência de criação feminina, portanto serve como um caminho alternativo mais curto para trabalhadoras sem qualificação para competir no mercado de trabalho. Diferentemente de como o trabalho doméstico surgiu no Brasil (escravidão), as décadas que precedem este trabalho mostram que, tanto no Brasil como na América Latina, 95% dos trabalhadores doméstico é mulher, e essa quase totalidade das mulheres no setor serviu de campo para os estudos de gênero.⁷⁵ É a partir dessa ótica que pretendemos partir para um estudo acerca das particularidades em relação a atuação profissional das mulheres no mercado de trabalho, para posteriormente debater o trabalho doméstico no Brasil.

3.1. Divisão sexual do trabalho

Não há como pensar as relações entre os sexos, a partir da categoria de gênero, como produtos de uma reciprocidade biológica, pois estes, são construções sociais. Esses grupos sociais se envolvem também mediante relações de trabalho, e produzem especificidades com a chamada “divisão sexual do trabalho”. O termo foi inaugurado por etnólogos, como Levi-Strauss e outros⁷⁶, que investigavam as diferentes ocupações realizadas por homens e mulheres. Para ele, a divisão sexual do trabalho estruturava a sociedade em família, onde um trabalho complementava o outro. Posteriormente, antropólogas trouxeram um olhar mais crítico para o

⁷³ Ibidem, nota 71, pp. 38.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ Ibidem, nota 31, pp. 24.

⁷⁶ Para mais, ver Madeleine Guilbert, Andrée Michel, Viviane Isambert-Jamati.

termo, onde demonstraram que a tal divisão pressupõe uma relação de poder de homens sobre mulheres.

A partir dos anos 1970 na França - com influência do crescente movimento feminista que gerou grande tomada de consciência de opressões às mulheres, especificamente aqueles trabalhos realizados por elas gratuitamente - surgiram vários trabalhos que geraram as bases teóricas do termo.⁷⁷ O que podemos afirmar é que a divisão sexual do trabalho distingue homens e mulheres nas suas disposições do trabalho, levando os homens a escala produtiva - onde há forte participação política, religiosa e militar -, e às mulheres ‘somente’ a escala reprodutiva – atividades e relações através dos quais a vida e o trabalho são construídos cotidianamente.

Na atual sociedade capitalista, o cuidado é imposto social e economicamente às mulheres. Dessa forma, vemos mais um fator de desigualdade, desta vez em relação a responsabilidades, pois deslocam as mulheres para um local de precariedade em relação ao acesso a outras esferas possíveis. Ao cuidar de crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais, às mulheres profissional ou domesticamente são renegados seus direitos de liberdades social e econômica, como o seu próprio acesso ao cuidado qualificadamente, ou como quando mães são responsabilizadas por educar, ensinar e proteger seus filhos sozinha, mesmo que exista a possibilidade de uma rede de apoio que também possa fazer esse trabalho.

Acerca desse assunto temos um debate bastante extenso em relação à remuneração ou não do trabalho doméstico - que não descartamos aqui sua relevância, inclusive vemos como uma possível continuação desse diálogo em estudos futuros -, mas que pode ser iniciado por meio de autoras como Silvia Federici, que lançou recentemente seu livro no Brasil chamado “O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista”, em que debate justamente essa questão essencial para o entendimento do lugar do cuidado e da responsabilidades das mulheres como crucial para a manutenção da exploração capitalista. Às mulheres é reservado o lugar de reprodução de seres humanos, que realiza dentro de casa, e que os projeta para fora e mantém o sistema em movimento.⁷⁸

A divisão sexual do trabalho mediante o cuidado e das diferentes posições de responsabilidade coloca as mulheres em posição desigual por meio da já conhecida tríade de

⁷⁷ KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. IN: HIRATA, Helena. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁷⁸ FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019. Através dos movimentos sociais feministas dos anos 1970, como a *Interinternacional Wages for Housework Campaign* [Campanha Internacional salários para o trabalho doméstico], Federici demonstra como esse debate da remuneração do trabalho doméstico não é novo e já foi palco de fortes manifestações pelo Mundo.

gênero, classe e raça. As atividades realizadas pelo cuidado e pela responsabilidade demandam tempo e dinheiro.

Quando o cuidado é mercantilizado, classe e renda são variáveis importantes, não apenas pela responsabilidade de contratação de serviços no mercado, mas também porque as condições de trabalho de pessoas próximas definem a disponibilidade que terão para cuidar de outras pessoas.⁷⁹

Ou seja, quando se é designada a responsabilidade do cuidado, não há espaço para a procura de emprego. A depender de suas relações com o racismo estrutural, essas dificuldades são agravadas.⁸⁰ Sem contar na falta de tempo e disposição para outras atividades, como lazer e descanso.

Diante desse cenário, vemos alguns fatores visíveis sobre a divisão sexual do trabalho e que são relevantes e determinantes para esse estudo, como a precarização e a flexibilização dos empregos direcionados ao público feminino, assim como a redução das horas de trabalho e das jornadas das ocupações indicadas às mulheres. Mais especificamente, Helena Hirata, a partir de pesquisas sobre o trabalho e o desemprego internacionais, sugere três indicadores do trabalho precário:

1) ausência de proteção social e de direitos sociais, inclusive de direitos sindicais: o trabalho informal nos países do Sul concerne a atividades realizadas sem proteção social (previdência social, aposentadoria), férias, etc. O mesmo ocorre com um certo número de empregos do setor de serviços nos países do Norte (trabalhadores domésticos, faxineiras, etc.); 2) horas reduzidas de trabalho, que resultam em salários baixos e que levam frequentemente à precariedade; por exemplo, uma mulher que trabalhe em tempo parcial, mesmo tendo um contrato por tempo indeterminado, pode ser considerada como alguém que exerce um trabalho precário; 3) níveis baixos de qualificação: a ausência de qualificação formal e a consequente baixa renda levam, em inúmeros casos, à precariedade e ao desemprego.⁸¹

A autora ressalta que esses indicadores evidenciam a divisão sexual da precariedade, pelo fato de que as mulheres se apresentam em maior número do que os homens em relação ao trabalho informal e no trabalho em tempo parcial. Elas são maioria em menor qualificação e no número inferior de horas trabalhadas. Mesmo quando têm um emprego com contrato por tempo indeterminado, os trabalhadores podem encontrar-se em situação precária, como demonstram

⁷⁹ BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

⁸⁰ Para uma discussão mais acirrada acerca desse assunto, conferir: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. (Orgs) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care. **Atlas**: São Paulo, 2012; ARAÚJO, Clara; SCALON, Céli. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 21, n. 62, 2006.

⁸¹ *Ibidem*, nota 31, pp. 24.

os novos empregos por tempo indeterminado, criados no Brasil a partir de 2005, cuja remuneração é um salário mínimo.

Essas mulheres estão em maior quantidade no setor terciário, na prestação de serviços, onde há menor prestígio e remuneração. Em relação ao trabalho informal, é difícil coletar informações, pois essa diferenciação entre formal e informal pode ser bem tênue, além de ser um setor bastante heterogêneo, mas através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) é possível buscar alguns dados. A presença feminina que trabalha por conta própria, por exemplo, é bastante grande, e é ainda mais elevada entre os trabalhadores não-remunerados. Sobre o trabalho doméstico podemos afirmar que o número de mulheres que trabalha em casa é maior que de homens, e dentre esses trabalhos domiciliares podemos incluir empregadas domésticas ou trabalhadoras a domicílio autônomas ou subcontratadas.⁸²

Podemos incluir nessas questões a relação entre as trabalhadoras do sudeste e do nordeste e sua relação com o trabalho formal regulamentado: pouco mais da metade dos trabalhadores no geral assinam a carteira de trabalho, mas menos da metade das trabalhadoras no Brasil contribui para a Previdência Social. No nordeste, o número de contribuintes no geral é inferior ao do resto do Brasil, mas o número de mulheres é superior do de homens na região, por conta do elevado número de mulheres no funcionalismo público. Ainda sobre a regulamentação da carteira de trabalho, às mulheres ainda deve-se somar o fato de que a ocupação em questão nessa pesquisa, a maioria de mulheres negras no Brasil, foi muito recentemente registrada, como direito, na carteira de trabalho.⁸³ O trabalho doméstico somente conseguiu ser regulamentado em 2013 com a PEC das Domésticas durante o governo de Dilma Rousseff. A partir dos anos 1980 o emprego doméstico começou a aumentar, e no ano de 2000 atingiu a mesma participação que em 1950.⁸⁴

É difícil fazer um estudo econômico acerca do serviço doméstico remunerado, porque essa atividade não é organizada da maneira capitalista, mas sim por meio de relações privadas entre empregadoras/es e empregadas. Desse modo,

O contrato de trabalho firmado, seja verbal ou escrito, define que as empregadas realizam tarefas cujo produto - cozimento de alimentos (bens) ou lavagem de roupas e pratos (serviços) - é consumido diretamente pela família. Esses bens/serviços não circulam no mercado e não se mobiliza capital para a realização dessas tarefas, mas rendas pessoais.⁸⁵

⁸² Ibidem, nota 31, pp. 23.

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ POCHMANN, M.. Mercado Geral de Trabalho: o que há de novo no Brasil?. **Parcerias Estratégicas** (Brasília), v. 22, p. 121-144, 2006.

⁸⁵ Ibidem, nota 31, p. 24.

O trabalho doméstico não difere dos outros apenas pelo seu caráter econômico, mas também por se caracterizar um modo de vida. Deve-se atentar para a heterogeneidade do serviço doméstico, pois existem, por exemplo, empregadas residentes, que vivem no local de trabalho, recebendo comida, moradia e salário mensalmente; as diaristas trabalham em várias casas diferentes e recebem tanto diariamente quanto semanal/mensalmente, dependendo da família que as emprega. Esse modo de vida diz respeito às responsabilidades que são atribuídas às mulheres em sua criação como tal, seja como dona-de-casa, mãe ou esposa - para servir a casa, aos filhos ou ao cônjuge.

3.2. Mulheres negras

A escravidão é tema recorrente em falas das próprias empregadas domésticas negras. O filme *Casa Grande* (2014) traz essa discussão, inclusive, para o título da obra, mas também gira em torno da história do filme. Repetidas vezes durante o longa, a informação de que existe uma mulher que trabalha para uma família, e que mora na casa dessa família, mas fica num quarto distante das áreas sociais comuns da casa é constantemente reforçada através da narrativa, mas também dos recursos formais.

Mediante uma ideia de permanência metafórica, ou não, domésticas explicam as condições de seu trabalho como extensão daqueles realizados por mucamas por conta da falta de tempo e espaço livres.⁸⁶ Em uma palestra para o TEDx São Paulo que ficou bem conhecida na época na internet, Joyce Fernandes, conhecida como Preta Rara em meio ao seu discurso com relatos pessoais dos tempos que trabalhou como empregada doméstica, repete a frase “A senzala moderna é o quartinho da empregada”⁸⁷.

Neste trabalho não pretendemos traçar este paralelo direto, pois como dito anteriormente, compreendemos que esses processos são muito mais complexos e não podem ser tão facilmente diretamente relacionados às dificuldades de pessoas negras na sociedade brasileira atual. As desigualdades atuais são novas formas de opressão. São formas modernas de legitimar a dominação e injustiças sociais. “Da relação entre “senhora e escravos

⁸⁶ KOFES, Suely. **Mulher, mulheres:** identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

⁸⁷ FERNANDES, Joyce. “ME, the maid. Preta Rara”. **TEDxSãoPaulo**. São Paulo: Tedxtalks, 2017. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo>. Acesso em: 28 out. 2019.

domésticos” até a forma assalariada sob a qual se dá modernamente a relação entre empregadora e empregadas domésticas, há todo um percurso (não linear).”⁸⁸

Apesar do cuidado analítico, não podemos deixar de notar que as comparações não são feitas a esmo, e as permanências são vastas. Relatos de europeus com seus olhares curiosos acerca das tradições de servidão no Brasil nos ajudam a compreender de onde vem esse lugar identitário que aponta para uma construção de diferença racial entre empregados e empregadores.

Todo o serviço doméstico é feito por pretos; é um cocheiro preto quem nos conduz, uma preta que nos serve, junto ao fogão, o cozinheiro preto e a escrava amamenta a criança branca; gostaria de saber o que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos.⁸⁹

A citação é emprestada do livro-tese de Suely Kofes.⁹⁰ A antropóloga afirma que a insistência comparativa de empregadas domésticas não deve ser dispensada, pois parece justamente responder a indagação da educadora alemã, autora do relato acima.

Quando cruzamos a questão de classe a de raça, percebemos que as mulheres negras são maioria no trabalho doméstico remunerado. Esse tipo de dado somente começou a ser computado no ano de 1995, que mostra 56% de trabalhadores não-brancos e 44% de brancos. Os números ficam mais evidentes nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, onde apontam 80% de não-brancos no setor; a região Sul apresenta 28% de não-brancos, região com menor número de pessoas negras na população. Tanto homens quanto mulheres, o predomínio na categoria é de pessoas não-brancas. Somadas, as diferentes atividades domésticas agregam 76% de homens e 55% das mulheres.

Os dados do trabalho doméstico são ainda melhor analisados quando esse serviço é dividido em subcategorias, fazendo com que percebamos que dentro deles existem outras predominâncias de gênero, onde as funções de motorista e jardineiro representam 39% dos homens, e as funções de diaristas/faxineiras, lavadeiras/passadeiras e babás somam 97,5% das mulheres nos serviços domésticos remunerados. Ou seja, mesmo dentro do próprio trabalho doméstico de forma abrangente, vemos diferenciação por sexo.⁹¹

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor

⁸⁸ Ibidem, nota 86, pp. 44.

⁸⁹ VON BINZER, I. (1980) apud KOFES, Suely. **Mulher, mulheres:** identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 34.

⁹⁰ Ibidem, nota 86, pp. 44.

⁹¹ Ibidem, nota 31, pp. 24.

qualificação, mais elementares e freqüentemente fundadas em trabalho intensivo são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito freqüentemente, também aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as).⁹²

A categoria vem enfrentando ainda mais mudanças ao longo dos anos, como por exemplo a diminuição no número de domésticas que dormem no local de trabalho e o envelhecimento da categoria profissional marcada pela menor entrada de jovens até 29 anos. Em 2009 as mulheres eram 93% da categoria, e dessas, 61,6% eram negras e 38,4% brancas. Em 2015, ano em que foi aprovada a PEC das domésticas, Proposta de Emenda à Constituição que equiparou o trabalho doméstico aos demais trabalhadores urbanos e rurais garantindo a totalidade dos 34 direitos sociais previstos na Constituição (antes usufruíam apenas de 9), apenas 26,3% das trabalhadoras domésticas tinham sua carteira de trabalho assinada (direito assegurado desde 1972), não utilizando de seus direitos trabalhistas, como férias, aposentadoria e salário mínimo.⁹³ O avanço legal da PEC foi um conjunto, principalmente, das lutas das trabalhadoras domésticas, aliadas a movimentos sindicais, feministas, negros, e também a parlamentares e outros.

Anibal Quijano (2005)⁹⁴ define colonialidade, para compreender o quadro histórico de desigualdades na América Latina, como um conceito que se constitui com o capitalismo moderno que teve início com a dominação da América em 1492. Esse novo sistema construiu um padrão de relação de raça, posicionando diferenças associadas a uma hierarquia, onde cada uma tem um papel social que permite padrões de dominação. Desta forma foi montado o aparato necessário para justificar e organizar o sistema-mundo do trabalho escravo moderno. Além da questão do trabalho havia uma divisão geográfica daquilo que era considerado como digno de conhecimento milenar, e sua diferenciação, aquilo que eram apenas superstições ou folclore.⁹⁵

Todo esse sistema gerou identidades negras de mulheres estigmatizadas e homens subalternizados que estão presentes até hoje e podem ser complementadas pelo conceito de interseccionalidade, onde há manutenção, reprodução, mas também lutas e resistências a essas desigualdades. O conceito de interseccionalidade nos ajuda a compreender como as formas de opressão se somam através do racismo, machismo discriminação de classe, etc. Todos esses

⁹² Ibidem, nota 31, pp. 24.

⁹³ Ibidem, nota 71, pp. 39.

⁹⁴ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Egardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

⁹⁵ Para mais, ver MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2006.

fatores nos auxiliam na compreensão das particularidades do trabalho doméstico no Brasil e das vivências das domésticas neste cenário.⁹⁶

Como reação a esse padrão de poder moderno colonial, as populações subalternizadas e colonizadas rejeitaram esse cenário e reagiram através da resistência. Nisso entra o conceito de “quilombismo”, que surge para definir esses processos de lutas de populações colonizadas que pretendem resgatar suas liberdades e vivências. Além de definir literalmente a construção de quilombos, refere-se também a quaisquer formas de resistência negra, como irmandades, terreiros, ou organizações negras. Esses movimentos são chamados de “decoloniais” pois suas lutas vão além de reivindicações pontuais, e alcançam novas ideias de modelos que superem hierarquias.⁹⁷ Neste contexto estão também as mulheres negras domésticas que lutaram e continuam lutando para garantir seus direitos em face as manutenções do racismo e do machismo no Brasil pós-colonial.

Filiadas a sindicatos elas são associadas a entidades do movimento feminista negro. Os sindicatos de trabalhadoras domésticas são aqui vistos como movimento decolonial que articula movimentos trabalhistas com feministas e negros, ou seja, de interseccionalidade. Dados de 2011 apontavam para cerca de 134 mil trabalhadoras filiadas a sindicatos da categoria, número que representa 2% do total de trabalhadoras domésticas do país.⁹⁸ Em 1930 Laudelina de Campos Melo formou a primeira entidade de trabalhadoras domésticas em Santos, a chamada Associação Profissional de Empregados Domésticos, para que pudessem conquistar espaço jurídico de sindicato e negociar a conquista de direitos trabalhistas. Como mulher negra, Laudelina já naquela época construía um diálogo entre movimento trabalhista e negro com a Frente Negra Brasileira.⁹⁹

Foi somente em 1960 que o movimento trabalhista de domésticas ganhou dimensão nacional com a Juventude Operária Católica (JOC) em que foram fundados diversos grupos de trabalhadoras dentro da Igreja em diversas outras cidades, como Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, João Pessoa, etc. Já havia uma percepção de deslocamento desse setor frente a outras categorias que há possuíam respaldo jurídico no campo trabalhista. Por conta desta percepção,

⁹⁶ Ibidem, nota 71, pp. 39.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ PINHEIRO; FONTOURA; PEDROSA, 2011 apud COSTA, Joaze Bernardino. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30 n. 1, 2015.

⁹⁹ BERNARDINO-COSTA, 2015 apud COSTA, Joaze Bernardino. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30 n. 1, 2015.

paralelamente ao JOC, novamente Laudelina organizou o primeiro congresso nacional de trabalhadoras domésticas em São Paulo, 1968. Nessas organizações as demandas da articulação política tinham foco na classe trabalhadora como um todo, sendo deixadas de lado a questão de gênero e raça.¹⁰⁰

Esta era uma consequência natural decorrente do fato de as trabalhadoras domésticas somente terem sido reconhecidas pela legislação trabalhista em 1972, ainda de maneira extremamente restritiva, conquistando, na ocasião, o direito elementar à carteira de trabalho, o direito a férias e à Previdência Social.¹⁰¹

Por conta dessas problemáticas, percebemos que o movimento feminista foi de extrema importância para a junção das reivindicações das mulheres trabalhadoras domésticas. Essa relação passou a ser mais presente a partir do V Congresso Nacional das Trabalhadoras Domésticas em Recife no ano de 1985, em que a SOS Corpo (ONG feminista) começou a prestar assessoria ao Congresso e a Associação de Recife. O movimento feminista atingiu caráter nacional com as reivindicações das trabalhadoras domésticas na Constituinte, em que o projeto de lei das trabalhadoras domésticas foi adotado. De 1985 a 1988, ano de promulgação da Constituição Federal, foi um período de intensa mobilização dentre a classe trabalhadora de domésticas, em que houveram várias idas à Brasília para pressionar as autoridades e garantir os direitos a categoria.

A partir dessas conquistas, os anos 1980 apresentaram uma maior abertura de diversos sindicatos da categoria para questões raciais e de gênero. Creuza Maria de Oliveira, de Salvador, outra líder de movimento sindical, que, assim como Laudelina, tinha forte diálogo com o movimento negro, sempre foi muito próxima do Movimento Negro Unificado. Para além de exemplos pontuais, podemos observar que até hoje há muita ligação entre os movimentos sindicais e os negros, feministas e classicistas.¹⁰²

A aprovação da Convenção nº 189 e da Recomendação nº 201 sobre Trabalho Decente para os Trabalhadores e as Trabalhadoras Domésticos, na 100ª Conferência Internacional do Trabalho da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 16 de junho de 2011, evidencia esta rede transnacional constituída pelas trabalhadoras domésticas. A aprovação dessa convenção e da recomendação foi precedida de três anos de diálogo entre as trabalhadoras domésticas das diversas regiões do globo.¹⁰³

Após três anos de lutas da categoria, em 16 de junho de 2011 foi conquistada a aprovação da Convenção nº 189 e da Recomendação nº 201 sobre o Trabalho decente para dos

¹⁰⁰ Ibidem, nota 71, pp. 39.

¹⁰¹ Ibidem, 10, pp. 18.

¹⁰² Ibidem, nota 71, pp. 39.

¹⁰³ Ibidem.

Trabalhadores e Trabalhadoras Domésticas na 100ª Conferência Internacional do Trabalho da OIT. Na ocasião estavam presentes 70 representantes, dentre elas cinco trabalhadoras domésticas.¹⁰⁴ Diante desse cenário vemos que os movimentos negro e feminista, juntamente com os movimentos das trabalhadoras montaram ao longo da história processos de luta e resistência motivados, angariados, organizados e mantidos por trabalhadoras negras. Muito se fala na importante conquista da PEC das domésticas em 2013 que foi aprovada durante o governo de uma presidenta mulher, Dilma Rousseff, mas o que gostaríamos de ressaltar com todos esses dados e históricos da classe trabalhadora de mulheres empregadas domésticas é que esses direitos conquistados tardiamente foram produto de muita luta e resistência dessa classe de mulheres negras ao longo de muito tempo.

O trabalho doméstico possui vários marcadores sociais: de classe, de relações familiares, de comportamentos, de cultura, de experiência individual, de público e privado, e de gênero. No âmago dessas diferenças está situada a relação entre empregadora e empregada estudada pela antropóloga Suely Kofes, que analisa discursos do ponto de vista delas mesmas. Se espera de uma boa empregadora que ordene, supervisione e complemente o trabalho da empregada. A esta outra, cabe o trabalho e o respeito a superioridade da empregadora e aos costumes da casa. Ao mesmo tempo que a empregada deve sentir-se em casa, deve respeitar os limites da mesma, para que não desfrute dos mesmos privilégios de quem a contrata.¹⁰⁵ Compreendemos que essas diferenças são ainda mais evidentes e extremas se lembrarmos que a maioria das domésticas são negras, e a maioria das empregadoras são brancas.

Alguns mecanismos ideológicos utilizados por empregadores são fundamentais para a relação com suas/seus empregadas(os) para justificar a presença de uma pessoa socialmente estranha dentro de suas casas, e uma delas é a afirmação de tratamento “como se fosse da família”.

O efeito ideológico desta afirmação, do ponto de vista da patroa, é que ela torna possível a aceitação de uma pessoa socialmente estranha dentro de casa, compartilhando o cotidiano da família. Trata-se de uma justificativa, em seus próprios termos, quase como uma estratégia de “efeito adequador”.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Creuza Maria de Oliveira (presidente da Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas), Sueli Maria de Fátima Santos (Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Sergipe), Maria Noeli dos Santos (Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do Município do Rio de Janeiro), Maria Regina Teodoro (Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas) e Ione Santana de Oliveira (Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do Estado da Bahia); além da deputada Benedita da Silva, também responsável pela aprovação da Emenda Constitucional que equipara as trabalhadoras domésticas aos demais trabalhadores do país. (COSTA, 2015).

¹⁰⁵ Ibidem, nota 86, pp. 44.

¹⁰⁶ Ibidem, nota 86, pp. 44.

O trabalho doméstico não é uma opção. É uma necessidade. Para mulheres mais novas e solteiras é, quando não permanente, um serviço de transição enquanto espera uma vaga no setor de serviços, em lojas ou como secretária. Para as mais velhas e/ou casadas é uma maneira de juntar dinheiro para garantir um futuro melhor para os filhos, ou para si própria, como fundo de aposentadoria. Algumas conclusões da tese de Suely Kofes nos ajudam a compreender as particularidades do trabalho doméstico: a esfera doméstica possui uma lógica interna de organização que passa por questões familiares. E apesar de ter uma organização interna, não deixa de atravessar a dimensão social, portanto responde também a questões de classe,¹⁰⁷ e acrescentaríamos aqui, por mais que a autora não mencione em suas conclusões, também questões de gênero e raça.

¹⁰⁷ Ibidem, nota 86, pp. 44.

4. ANÁLISES FÍLMICAS

Diante deste cenário pretendemos apresentar análises fílmicas de duas produções brasileiras que apresentam representações de empregadas domésticas. O cinema nos ajuda a compreender como a mídia num geral, e como esta especificamente, mostra e discute as questões relativas ao trabalho doméstico remunerado. Temos muitos filmes brasileiros com personagens domésticas,¹⁰⁸ e ainda mais produções com mínimos tempos de tela para esse tipo de representação feminina.¹⁰⁹ A escolha dos dois filmes se deu por conta de serem mais recentes e apresentarem um tipo de narrativa que procura se aproximar de um realismo crítico, além de terem sido filmes com certa popularidade, alcançando uma gama maior de público, conseqüentemente, mais heterogêneo, gerando discussões mais amplas na sociedade.

Como fundamentado anteriormente, nos utilizaremos da decupagem para analisar a narrativa e - em menor escala - os aspectos formais dos filmes. Julgamos importante a prática de uma análise fílmica bem estruturada que também envolva todo o alcance que os filmes podem gerar, ou seja, buscaremos um estudo da recepção dos filmes, apostando que estes estão inseridos no que chamamos de circuito comunicacional.¹¹⁰ Além da análise narrativa, buscamos analisar algumas críticas e opiniões pertinentes acerca dos filmes para discutirmos sua veiculação e circulação nas mídias digitais. Entendemos que esses textos não exprimem o que a totalidade, ou a maioria das pessoas pensam acerca dessas produções, mas podem nos auxiliar no alcance de diferentes perspectivas dos filmes em questão.

Onde esses filmes foram veiculados? Em que outras mídias foram replicados e discutidos? Qual o público-alvo dessas produções? As domésticas fazem parte do público-alvo? Os filmes dialogam com as reivindicações de trabalhadoras domésticas remuneradas? Essas são algumas perguntas que buscaremos debater ao longo de nossas análises. Compreender a produção, a mediação e o consumo desses filmes são aspectos fundamentais para que eles sejam compreendidos e analisados como fontes históricas, pois todo filme produz e reproduz práticas sociais e as dinamiza, criando função e sentido a essas práticas.

¹⁰⁸ *Minervina Vem Aí* (1960), *Cuidado Madame* (1975), *Perdida* (1975), *Empregada Para Todo Serviço* (1977), *Histórias Que Nossas Babás Não Contavam* (1979), *Como É Boa Nossa Empregada* (1973), *Romance de Empregada* (1987), *A Má Criada* (1993), *Domésticas – o filme* (2001), *O Casamento de Louise* (2001), *Trais, Coçar, É Só Começar* (2006), *Linha de Passe* (2008), *Babás* (2010), *Domésticas* (2012), *Luna e Cinara* (2012) *Mucamas* (2015), *As Boas Maneiras* (2017)

¹⁰⁹ Para citar algumas: *Se Eu Fosse Você* (2006), *Aquarius* (2016), *Dissecando Antonieta* (2015) e muitos outros.

¹¹⁰ *Ibidem*, nota 58, pp. 33.

4.1. *Casa Grande* (2014)

Dirigido por Felliipe Gamarano Barbosa, *Casa Grande* é um filme brasileiro que foi lançado em 2014. Produzido pela Migdal Filmes, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, incluindo Prêmio Especial do Júri, Melhor Roteiro, Melhor Ator Coadjuvante e Melhor Atriz Coadjuvante no Festival de Paulínia em São Paulo; e Prêmio Revelação no Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira em Portugal. Locado na capital do Rio de Janeiro, o filme conta a história de Jean, filho de um casal de classe alta que está falindo.

A narrativa se desenvolve a medida em que ele e sua família tentam se organizar após essa crise financeira. Jean é um jovem mimado ainda tentando amadurecer em vários sentidos. Ele tem uma relação bastante próxima com uma das domésticas que mora em sua casa, e ao mesmo tempo em que perde alguns de seus privilégios vendo o dinheiro de sua família indo embora, flerta com a nova proximidade de sua condição com os empregados de sua casa.

Ao longo do desenvolvimento da narrativa, o longa pretende através da repetição nos inteirar no cotidiano dos empregados domésticos e sua relação com a casa, o serviço e os empregadores. O uso dos espaços é muito importante para compreendermos a construção da narrativa. O portão de entrada e saída da casa é utilizado como um recurso estilístico e narrativo. Repetidas vezes vemos a chegada dos empregados a casa, no início do dia, e através de algumas pequenas mudanças desse tipo de comportamento repetitivos, nos permite compreender melhor o que está acontecendo com a família e com a vida das/os empregadas/os. Quando analisamos mais profundamente as sequências, percebemos que a repetição se dá justamente para reafirmar algumas informações importantes para quem assiste, e essa escolha, ao meu ver, é para nos situarmos em relação ao número de empregados e suas demissões, que vão ocorrendo ao longo do filme.¹¹¹

Os espaços são foco de Tiago de Luca em artigo que analisa também os dois filmes em questão nesse estudo. O autor faz um paralelo entre o filme e a obra de Gilberto Freyre: *Casa Grande & Senzala*, título que dialoga com o título do filme. Em ambas as obras a questão espacial é bastante importante, pois Freyre demonstra como os senhores permitiam o acesso de trabalhadores escravizados em espaços privados para desenvolver uma relação mais próxima. Apesar da visão bastante romantizada da miscigenação, Freyre nos ajuda a compreender as

¹¹¹ Sequência 3 (7'04" – 7'47"): Rita (a doméstica que dorme da casa) abre o portão para Noêmia (outra doméstica) e Severino (motorista). Sequência 12 (27'59" – 28'17") Rita abre o portão para Noêmia, que está sozinha e bastante irritada, repetindo a informação de que Severino foi demitido. Sequência 29 (91'50" a 93'53"): Noêmia espera sozinha na frente do portão e Hugo (seu empregador) vai abrir para ela, de pijama.

implicações que a arquitetura projeta nas transformações da sociedade brasileira. Um exemplo bastante prático seria da já citada e repetitiva comparação do quarto da empregada com a senzala, aspecto trabalhado pelos dois filmes.¹¹²

Figura 3 - Hugo na jacuzzi prestes ir para dentro da casa desligar as luzes.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (00'30").

A primeira sequência¹¹³ já nos dá a dimensão da importância espacial que a casa tem para a narrativa do filme, ideia que é repetida através de recursos cinematográficos que citaremos a seguir. Com um enquadramento aberto dos fundos da casa, Hugo sai da jacuzzi e vai até a casa apagando as luzes de todos os cômodos, o que leva cerca de 3 minutos. Ao fim da sequência o título do filme aparece sobrepondo a Casa.¹¹⁴ A segunda sequência¹¹⁵ mostrará o que não mostra no título, que seria a senzala. Jean vai até o quarto da empregada que fica fora das dependências da Casa durante a madrugada depois que todos já foram dormir.¹¹⁶

¹¹² LUCA, Tiago. “Casa Grande & Senzala’: Domestic Space and Class Conflict in *Casa Grande* and *Que Horas Ela Volta?*” In SILVA, A.M.; CUNHA, M. Space and Subjectivity in Contemporary Brazilian Cinema. Screening Spaces, 2017. (pp. 203-219)

¹¹³ 22” – 3’42”

¹¹⁴ Optamos por utilizar letra maiúscula para enfatizar o a importância deste espaço para a narrativa e para a construção formal do filme, tratando-a como mais uma personagem da trama.

¹¹⁵ 3’43” – 7’03”.

¹¹⁶ Ibidem, nota 115, pp. 53.

Outro aspecto importante levantado pelo autor que podemos dialogar é como o trabalho doméstico é representado no filme, que foca na vida de Jean. Diferentemente de *Que Horas Ela Volta?*, que abordaremos a seguir, *Casa Grande* representa o trabalho doméstico de maneira provocativa o colocando em segundo plano na imagem. O exemplo citado pelo autor e que podemos analisar mais atentamente é do momento em que Sônia está na sala de estar comprando cosméticos de sua amiga, onde as duas estão ocupando um maior espaço na tela, enquanto conseguimos ver Rita apenas pelo reflexo do espelho que está atrás das duas.

Figura 4 - Sônia e sua amiga conversam discretamente para que Rita não ouça.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (32'11").

Sua presença é reforçada e vista como incômoda quando em meio ao diálogo das duas, a vendedora pede uma explicação para o comportamento estranho de sua amiga. Sônia depois de olhar em direção a Rita, se aproxima da amiga e fala mais baixo sobre os problemas financeiros que anda tendo.¹¹⁷ Podemos citar mais alguns exemplos, pois vemos que a repetição desse recurso formal é também uma estratégia que enriquece a narrativa.

A sequência 6¹¹⁸ inicia com Severino, um dos empregados da casa na parte externa arrumando o estofado de algumas cadeiras. A imagem dele é de trás das grades da varanda onde

¹¹⁷ Sequência 14: 31'47" – 31'55".

¹¹⁸ 12'06" – 14'14".

está Sônia dando aula de francês. O contraste entre o trabalho do empregado que veste uma capa de chuva por cima do terno é nítido se comparado a aula de francês à mesa da varanda bem organizada com louças impecáveis e com uma orquídea de decoração. Severino, o empregado, é primeiramente o foco da imagem, mesmo que preso atrás das grades da varanda. Depois, desaparece a medida em que o enquadramento se movimenta para focar no diálogo entre as mulheres.

Figura 5 - Severino trabalhando enquanto a imagem se expande para a aula de Sônia.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (12'13").

Figura 6 - Aula de Sônia, onde Severino já não aparece mais no enquadramento.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (12'28").

Os momentos de refeições e a movimentação das empregadas entre cozinha e sala de jantar é outro ponto em comum entre os dois filmes aqui analisados. Mas em *Casa Grande*, como já afirmado, é representado como um pano de fundo, tendo as questões do protagonista Jean como principais. O ponto que rege a sequência 7¹¹⁹ é o jantar em família, mas vemos Rita entrar e sair da sala de jantar quatro vezes, seja para levar comida ou para dar o recado do telefone.

Percebemos que a representação do trabalho doméstico como pano de fundo é feita de maneira crítica através de algumas pistas, como o momento em que Rita vai à porta para avisar do telefone e pronuncia o nome de Jean com sotaque do português brasileiro. Sônia a corrige rispidamente, dizendo que deve pronunciar como na língua francesa. Rita reclama dizendo que não sabe 'falar essas coisas não'. Como mencionado e ilustrado no início do primeiro capítulo, o filme deixa bem claro a crítica quando corta a cena mudando o enquadramento da sala de jantar para a cozinha, vista de fora, onde está Rita sentada comendo sozinha, enquanto a conversa da família continua, precisamente falando sobre a questão das cotas raciais. Hugo defende as cotas, mas apenas como uma correção temporária e porque é uma estratégia que vem dos Estados Unidos.

¹¹⁹ 14'15" – 17'50".

Durante um café da manhã¹²⁰ novamente o trabalho doméstico é representado como plano de fundo, mas vemos alguns aspectos que nos ajudam a enxergá-lo de maneira crítica. Enquanto a família come à mesa e conversa sobre as mudanças no cotidiano de Jean, que passa a ter que ir para a escola de ônibus, as empregadas vão até a mesa levar a comida. A sequência termina com Hugo pedindo algumas coisas que estão faltando, com uma expressão de incômodo ele pergunta “o que houve?”. Mesmo estando a poucos passos dos itens que deseja, o empregador não se dá ao trabalho de ir buscá-los, pois tem empregadas para fazer inclusive esse trabalho minucioso.¹²¹ Difícil não lembrarmos da recorrente citação recolhida por Miriam Moreira Leite de uma viajante europeia ao Rio de Janeiro no século XIX que diz “um branco, no Brasil, enrubesce se tiver de carregar um pacote”¹²² nos lembrando que certos costumes da sociedade brasileira são recorrentes e talvez tenham permanecido desde o período colonial. O diálogo com o trabalho escravo é constante em ambos os filmes, inclusive – como já citado aqui – também pelas próprias empregadas domésticas.

Em relação a essas comparações em com o trabalho doméstico escravo, podemos assumir um diálogo proposital que o filme pretende fazer. com uma sequência em que mostra em um plano médio, isolada na garagem da casa a empregada Noêmia vestindo seu uniforme e chinelos, com as costas suadas e o cabelo desarrumado, está mexendo nos sacos de lixo para levá-los a rua. Ao se abaixar para levantar um dos sacos ela para meio desajeitada e leva a mão direita as costas e reclama de dor. O quadro seguinte mostra seu rosto, ela está sentada na cozinha da casa conversando com sua empregadora. Ela está pedindo demissão alegando que o trabalho ficou muito pesado para ela, já que sua companheira de profissão fora demitida recentemente.¹²³

O trabalho doméstico remunerado, como visto anteriormente, é marcado pela sua precarização, assim como outros tipos de serviços inseridos no mercado de trabalho, apesar de ter suas particularidades, como a tardia regulamentação. Longas jornadas de trabalho e mínimos tempos de descanso são recorrentes, já que, como o filme também pretende demonstrar, os empregadores são famílias de classe alta, que pretendem não gastar muito com seus empregados. Assim como no período colonial, os empregados domésticos muitas vezes servem

¹²⁰ Sequência 12: 27’59” – 29’55”.

¹²¹ Para não nos estendermos no texto, citaremos aqui um último exemplo em que o trabalho doméstico é representado como plano de fundo: sequência 23: 57’42” – 60’;

¹²² GENDRIN, 1817 apud LEITE, Miriam Moreira (Org). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX:** antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

¹²³ 91’50” - 93’53”.

para demarcar uma certa hierarquia. Famílias com grande poder aquisitivo contratam domésticos para mostrar a sociedade que podem fazer isso, e essa também era a lógica com o trabalho escravo. Quanto mais pessoas escravizadas você possui, maior seu poder aquisitivo, resultando num poder também social. A diferença é que o trabalho escravo era muito mais dividido e categorizado. O filme nos permite discutir até que ponto esse afunilamento de funções pode prejudicar a trabalhadora.

Como dito anteriormente, o mecanismo ideológico de tratamento de “como se fosse da família” é largamente usado, e os filmes trazem dentro de diálogos essa questão, como quando Sônia está demitindo Rita quando descobre fotos íntimas suas pela casa e afirma que ela traiu sua confiança, ainda mais porque ela foi tratada como uma filha desde sua chegada, e que o elo que elas construíram se quebrou junto com sua confiança.¹²⁴

Rita é a doméstica que possui maior tempo de tela neste filme, por ter uma relação íntima com Jean, o filho dos seus empregadores. Já de início os dois são mostrados no quarto dela tendo uma proximidade dúbia. Ele veste um pijama, ela uma camisola curta de seda. Eles fumam um cigarro enquanto ela conta histórias de aventura sexual. Jean tenta beijá-la, mas ela se assusta e o impede. Com isso, ele fica chateado e deixa em seu colo a todo custo se satisfazer com ela, que se nega e manda ele ir embora.¹²⁵ Essa sequência sugere que os dois possuem uma relação já de longo tempo, e sua proximidade também pode indicar que inclusiva, desde a infância de Jean, que agora é um adolescente com novos desejos latentes, mas que com ela já teve uma relação maternal de afeto, esta que encerra a sequência quando ela tem de consolá-lo em seu colo, como um bebê.

¹²⁴ 68'06" - 68'07"

¹²⁵ 22" - 3'42"

Figura 7 - Rita consola Jean em seu quarto.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (7'01").

Enquanto Jean representa um jovem adolescente descobrindo novidades, Rita representa a empregada doméstica sensual, uma personagem bastante comum no imaginário, em novelas e no cinema brasileiro.¹²⁶ As narrativas se utilizam de empregadas domésticas para provocar sentidos cômicos e sexuais ao mesmo tempo, como é dito em reportagem do programa Vídeo Show¹²⁷ com o seguinte texto:

Cuidado! Uma empregada danadinha em casa pode fazer muito mal ao seu casamento, afinal de contas, essas funcionárias sapequinhas costumam dar em cima dos patrões sem aviso prévio, agem na surdina, e estão sempre dispostas a fazer ceirão.¹²⁸

Como demonstra Ann Kaplan, os mecanismos de vitimização, fetichismo e assassinato em nome do bem maior, que antes eram utilizados em características de mulheres sexuais como más, na era pós-60 agora passaram a significar o contrário. O sexo se apresenta como a reação masculina de querer “dá-lo a ela”, mesmo que a contra gosto, seus desejos, primeiro para punir, depois para controlar. No cinema, a mulher é o mito apresentado por aquilo que representa a visão de um homem, e não pelo que realmente é.¹²⁹ Rita representa aquilo que Jean gostaria que fosse, mas ela não está ao seu alcance. Talvez porque ela tenha consciência de que seu lugar de

¹²⁶ Como Estela, em *Perdida* (1975), Salete, em *A Má Criada* (1993), e tantas outras em novelas, como Gabriela, na novela de mesmo nome (1970) e Ritinha, de *Laços de Família* (2000).

¹²⁷ GLOBOPLAY, “As domésticas que dão em cima dos empregadores”. Vídeo Show, 3 fev. 2010. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/1203885/programa/>> Acesso em out. 2019.

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ KAPLAN, E. Ann. **A Mulher e o Cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

doméstica a coloca numa posição de dependência, ou porque ela ainda o vê como um menino, tendo ela participado de seu crescimento e desenvolvimento.

As críticas presentes no filme e percebidas nessa análise parecem não atingir parte de sua recepção em comentários da internet, como nos comentários no site Adoro Cinema na página do filme¹³⁰ que variam entre muitas críticas negativas e algumas positivas. As negativas geralmente criticam o final do filme, a lentidão no desenvolvimento das sequências, a discussão acerca das cotas e a falta de desenvolvimento dos personagens. Não foram encontradas críticas no site em relação a representação das empregadas domésticas, apenas uma sobre a personagem da empregadora, em que reclama que esta não representou bem as empregadoras brasileiras, que são bem menos bravas.

As críticas se repetem em outros sites, como no Filmow,¹³¹ mas este tem mais comentários positivos do filme, com discussões acerca das relações de classe, e da elite brasileira. É recorrente também a comparação entre este e *Que Horas Ela Volta?* nos comentários. Apesar de algumas resenhas fazerem algumas discussões acerca das camadas de debate do social, de classe e do trabalho presentes no filme,¹³² os comentários seguem a linha do filme de uma narrativa focada no ponto de vista da classe alta que tem dificuldade em abrir mão de seus privilégios indo embora com seu poder aquisitivo.

Mas o final do filme, assim como os recursos citados e, principalmente, as representações dos empregados domésticos nos dão espaço para alcançar um outro olhar para essa visão mesquinha da classe alta aparentemente injustiçada. Jean como protagonista acaba entrando em contato com classes mais baixas diferentes da sua, por mais que sempre estivessem presentes até mesmo dentro de sua casa, através dos serviços domésticos. O motorista e as empregadas e a namorada representam as classes diferentes com quem ele passa a flertar na narrativa, e o final dá a entender que ele fez as pazes com elas, quando finalmente adentra a

¹³⁰ ADOROCINEMA, “Casa Grande”. S/A, [2014?]. Disponível em < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-229396/>> Acesso em out. 2019.

¹³¹ FILMOW, “Casa Grande”; S/A, [2014?]. Disponível em <https://filmow.com/casa-grande-t92873/> Acesso em out. 2019.

¹³² Para citar algumas: MIRANDA, Marcelo. “Casa Grande, de Felipe Barbosa (Brasil, 2014): A crise ao redor”. CINÉTICA: Cinema e Crítica, ago. 2014. Disponível em < <http://revistacinetica.com.br/home/casa-grande-de-felipe-barbosa-brasil-2014/>> Acesso em out. 2019.

LUKAN, Daniel. “Casa Grande (2014)”. NÃO SÃO IMAGENS ...que fazem o filme, mas a alma das imagens, ago., 2015. Disponível em <<https://naosaoasimagens.wordpress.com/2015/08/02/casa-grande-2014/>> Acesso em out. 2019.

GONÇALVES, Alex. “Resenha Crítica: Casa Grande (2014)”. CINE RESENHAS por Alex Golçalves, nov. 2014. Disponível em < <http://cineresenas.com.br/2014/11/16/resenha-critica-casa-grande-2014/>> Acesso em out. 2019.

SANTOS, Gisele. “Crítica: Casa Grande”. PLANO CRÍTICO, abr. 2015. Disponível em < <https://www.planocritico.com/critica-casa-grande/>> Acesso em out. 2019.

favela e percebe o outro lado da moeda, por mais que ainda em cima da janela. Nenhuma crítica aprofunda a questão do trabalho doméstico, que ficou como plano de fundo, assim como ocorre no filme.

4.2. *Que Horas Ela Volta?* (2015)

Anna Muylaert é cineasta, diretora, roteirista e mulher feminista. Dirigiu, até 2019, 10 filmes e participou da produção de vários outros, além de programas de televisão. *Que Horas Ela Volta?* foi seu sexto filme. Lançado em 2015, o longa foi produzido na capital de São Paulo e ganhou cerca de 15 prêmios, incluindo de Melhor Atriz para Regina Casé, no Festival de Femmes de Salé, Marrocos; Melhor Filme, eleito pelo público, no Festival de Cinema Brasileiro de Moscou, na Rússia; e Melhor Roteiro, no *RiverRun International Film Festival*, em Winston-Salem, nos Estados Unidos, para citar alguns. Atingiu o público de quase 500 mil e teve a renda de mais de 6 milhões de reais.¹³³

A narrativa se dá a partir da história de Val, uma empregada doméstica que trabalha e mora na casa do casal Bárbara e Hugo, e de seu filho, Fabinho, com quem tem uma relação bastante íntima de criação. Val é uma migrante nordestina de Recife, que foi para São Paulo sustentar uma vida melhor pra filha Jéssica, que ficou longe este tempo todo. Jéssica então, vai até São Paulo para fazer o vestibular e acaba bagunçando a estrutura da vida da mãe, da família de empregadores e da casa como um todo. O filme causou grande discussão nas mídias, e existe um grande número de resenhas, críticas, comentários e opiniões acerca do longa.

Alguns aspectos do já citado artigo de Tiago de Luca¹³⁴ devem ser aqui discutidos, como a comparação entre o foco dos filmes. *Casa Grande* tem como ponto norteador Jean, o filho da família que emprega o serviço doméstico, que aparece como plano de fundo, mas de maneira crítica, e que vai ganhando espaço conforme do filme evolui; já *Que Horas Ela Volta?* Tem esse ponto como Val, a própria empregada doméstica e a família como plano de fundo de sua história.¹³⁵ Conseguimos fazer um diálogo direto entre sequências muito parecidas utilizadas nos dois filmes, em que apresentam a família jantando enquanto as empregadas servem o jantar fazendo o trânsito entre cozinha e sala de jantar. Enquanto em *Casa Grande* a escolha de enquadramento é feita dentro da sala de jantar, espaço dominado pela da família, em *Que Horas Ela Volta?* o enquadramento parte da cozinha, espaço dominado pela doméstica.

¹³³ ANCINE, 2019.

¹³⁴ Ibidem, nota 112, pp. 51.

¹³⁵ Ibidem, nota 112, pp. 51.

Figura 8 - Rita serve os empregadores, vista da sala de jantar.



Disponível em: CASA GRANDE. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (14'43'').

Figura 9 - Val serve os empregadores, vista da cozinha.



Disponível em: QUE HORAS ELA VOLTA? Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (5'58'').

Como visto anteriormente, a empregadora deve ordenar e complementar, enquanto a empregada deve obedecer, trabalhar e se adaptar. Essas noções básicas são atribuídas como que automaticamente pela sociedade, como um acordo tácito bastante arbitrário e exótico. A personagem de Jéssica desloca essas máximas contrariando-as através de seu comportamento, evidenciado como alguém de fora que entra nesse universo aparentemente coeso e contratual, e reivindicando uma resposta de sua mãe a esses costumes. Ela tenta desfrutar de alguns privilégios dos empregadores, e da casa que estão longe da cogitação da empregada, sua mãe,

o que acaba por mais cedo ou mais tarde levando-a a fugir da casa pois não aguenta viver sob essas regras lhe impostas sem lógica.

Podemos dar alguns exemplos práticos, como quando a família está mostrando a casa para Jéssica, e ao entrar no quarto de hóspedes ela senta na cama e dá pulinhos, rindo e avaliando o colchão. Prontamente sua mãe a reprime num tom de cochicho, a pedindo pra sair dali e pedindo desculpas para seu empregador. Jéssica acha estranho um quarto tão bom sem uso, e Carlos justifica por ser o quarto de hóspedes. A moça não perde a oportunidade de fazer uma brincadeira dizendo que então ela irá dormir ali, por ser uma hóspede. Imediatamente Val se desespera e afirma que a filha “perdeu o juízo”, que ela está sendo “oferecida”, e que deveria manter o combinado de dormir em seu “quartinho” no colchão que foi comprado pra ela dormir. Carlos vai falar com sua esposa da mudança de planos, que concorda sem muita escolha, pois está sendo observada por Jéssica.¹³⁶

Outros exemplos desse comportamento são quando Val perde a hora do café e Bárbara põe a mesa para Jéssica. Quando Val chega à cozinha esbaforida pedindo desculpas, sua filha já está quebrando vários acordos tácitos da família na cozinha comendo. Bárbara desapontada afirma que já está indo, e com tom de deboche e desapontamento afirma que Jéssica adorou a geleia. Quando Bárbara sai, a empregada ao mesmo tempo em que corrige a filha, defendendo o tratamento de autoridade da empregadora como Dona Bárbara, explica a filha os costumes da casa, que para ela parecem bem claros e implícitos: elas não podem comer à mesa.¹³⁷

Outro limite que Jéssica quebra nessa relação é a questão do sorvete, em que existem dois tipos de sorvete na casa: aquele reservado a família, e aquele das/os empregadas/os. Quando a filha da empregada termina seu almoço com Carlos, ela pede um docinho. A empregada leva até eles o sorvete das/os empregadas/os, mas Carlos pede pra ela trocar pelo outro, pelo de chocolate com amêndoas. Val incomodada pergunta “o de Fabinho?” e Carlos afirma que não existe essa distinção, que tudo que é deles é delas também.¹³⁸ A postura do empregador pode ser explicada pela sua insistente vontade em se aproximar de Jéssica de forma bastante invasiva e desproporcional, trazida na trama como uma crítica as relações geralmente problemáticas entre homens empregadores e empregadas mulheres, que como se não bastasse

¹³⁶ 34’38” a 35’34”

¹³⁷ 37’22” a 42’04”

¹³⁸ 51’06” a 53’01”

a hierarquia de classe, também se utilizam da posição superior de sua masculinidade para satisfazer seus afetos e cortejos.¹³⁹

Outro momento de quebra de costumes de Jéssica é com a piscina. Ela está à beira da piscina molhando os pés demonstrando interesse em entrar. Val percebe e diz para ela se afastar dali, pois não pode entrar. Fabinho e seu amigo chegam para mergulhar e chamam ela pra entrar. Ela reclama que não tem maiô, mas continua perto deles. Quando Val sai para receber Bárbara em casa, eles a jogam na piscina, e eles brincam todos juntos até o momento em que Val e Bárbara percebem que Jéssica entrou na piscina. Val pede para que a filha saia da piscina, e agora Carlos também está do lado das duas e pedem insistentemente pra que tirem ela dali.¹⁴⁰

Podemos apontar alguns espaços e responsabilidades que são maiores e mais utilizados pelas empregadas do que pelas mães/empregadoras, que diz respeito à comida e aos filhos. Esses aspectos são fortemente trabalhados no filme através da relação de Val com Fabinho, por exemplo, ou em como ela e outros empregados ocupam os diferentes espaços da casa. O filme utiliza de alguns recursos estilísticos para passar algumas mensagens, como a repetição de enquadramentos estáticos de certos espaços demonstrando como eles se transformam de acordo com o que acontece na casa. Um desses espaços é o corredor dos quartos, em que Val circula, seja para acordar a família, seja para limpar os cômodos.¹⁴¹ Outros são a cozinha e a sala de jantar, espaços que Val circula repetidamente durante refeições, assim como Rita em *Casa Grande*.¹⁴²

¹³⁹ Carlos e Jéssica têm interesses em comum, como as artes plásticas e a arquitetura. Carlos mostra seu ateliê e conversa com Jéssica sobre arte e coisas pessoais (47'11" a 49'41"), além de darem um passeio pela FAU, onde ele tenta beijá-la (56'13" a 58'10"). O ponto alto das investidas de Carlos com Jéssica se dá quando desesperadamente a pede em casamento no meio da cozinha. Ela totalmente desconsertada ri e pede desculpas sem saber o que dizer. (69'14" a 72'02")

¹⁴⁰ 58'11" a 62'

¹⁴¹ Enquadramentos estáticos do corredor em: 2'27" – 2'51"; 4'05" – 4'11"; 4'34" – 4'44"; 42'33" – 42'43".

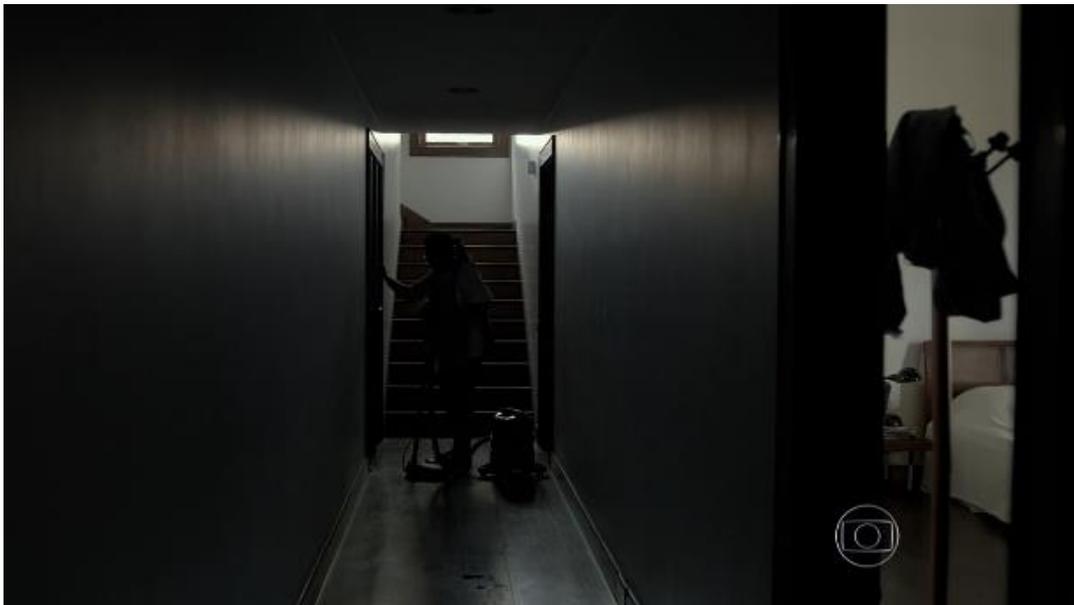
¹⁴² Idas e vindas de Val entre cozinha e sala de jantar: 5'40" – 6'01"; 7'24" – 9'14"; 49'41" – 53'01"; 54'31" – 55'40".

Figura 10 - Val descendo as escadas do corredor indo acordar Hugo.



Disponível em: QUE HORAS ELA VOLTA. Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (02'32").

Figura 11 - Val novamente no corredor, pedindo permissão à Hugo para limpar seu quarto.



Disponível em: QUE HORAS ELA VOLTA. Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (04'40").

Figura 12 - Val na cozinha servindo o café da manhã para Fabinho.



Disponível em: QUE HORAS ELA VOLTA. Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (03'05").

Figura 13 - Val novamente na cozinha, junto dos outros empregados da casa.



Disponível em: QUE HORAS ELA VOLTA. Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (06'10").

A questão do cuidado dos filhos é um dos pontos chave deste filme, que tem a relação da empregada-filho/Val-Fabinho como foco para discutir como eles são próximos, face a comparação que podemos fazer com a própria filha de Val, Jéssica, que mora longe, (na periferia) e que a mãe não pôde criar pois está trabalhando morando (no centro) na casa dos empregadores. Os afetos que Val tem com Fabinho denotam a questão dos cuidados, que são

também responsabilidade das empregadas domésticas, tanto quanto o cuidado com a limpeza e a organização dos espaços.¹⁴³ Inclusive, essa questão é acentuada quando a narrativa leva a um conflito entre Fabinho e sua mãe, e percebemos que ela não é capaz de dar apoio ao filho; Bárbara não tem a proximidade que a empregada construiu com ele.

Quando o menino não passa na prova do vestibular, por exemplo, imediatamente vemos um corte para a imagem das costas de Fabinho que está sentado na beira de sua cama abraçando Val, que tenta consolá-lo. Enquanto a empregada incentiva o rapaz, Bárbara entra no quarto, fecha a porta e para com os braços cruzados e chama o filho. Neste momento Val levanta e sai do quarto, como se soubesse que este momento não é dela, mesmo que seja a pessoa que mais poderia fazer algo por ele. Bárbara ao invés de consolar o filho, reclama por ele estar triste, e diz que é tarde demais para se lamentar. Ainda tenta dar carinho ao filho, mas este levanta chateado e a deixa a mãe sentada sozinha. Ela reclama novamente para o filho, afirmando que a Val pode abraçar ele e ela não. Logo Fabinho responde que Val o considera inteligente, e ela não.¹⁴⁴ Percebemos que a presença da empregada, nesse caso, realoca a lógica familiar familiar por meio das responsabilidades atribuídas a ela, que são muito bem-vindas em certos momentos, mas em outros podem ser bastante desestruturadoras.

Diante da falta de perspectiva de vida de Val, ela despeja suas expectativas todas na vida da filha. Quando essa passa no vestibular, Val reage como se fosse a maior vitória de sua vida - o que não deixa de ser. Já Bárbara, quando descobre que Fabinho não passou no vestibular reage com certo desprezo pelo filho, mas afirma que na próxima ele passa. Não gera grandes preocupações, pois a família tem outras opções para o filho, que agora vai ficar fora do país para 'dar um tempo'.

Por mais que ao longo do filme, Val tenha reclamado das atitudes, consideradas por ela, inadequadas, da filha; e se recusar a priorizar seu bem-estar e de sua família, em detrimento da família de empregadores e de seu empregado; após receber a notícia que Jéssica teria passado no vestibular, demonstra sua grande alegria através da quebra dessas regras, que segundo ela se nasce sabendo. Dessa forma, o filme tem um final bastante otimista. A doméstica entra na piscina, que está praticamente vazia (provavelmente por conta do inesperado mergulho de Jéssica, como se esta pudesse contaminar a água). Telefona para a filha de dentro da piscina, como que avisando para sua colega de sangue e classe que agora ela tem a consciência de que

¹⁴³ Momentos de afeto e cuidado entre Val e Fabinho: 1'45" – 2'15"; 2'52" – 4'04"; 8'48 – 9'42"; 35'48" – 37'22"; 84'20" – 84'42"; 95'53" – 96'41".

¹⁴⁴ 84'20" a 85'29"

para a sociedade ela possui um espaço reservado, e que este não é necessariamente aquele que ela quer ocupar, assim como aqueles espaços em que ela não é bem vinda, talvez seja o que ela pretende alcançar.¹⁴⁵

Esta sequência serve de guia para as próximas que culminarão em seu pedido de demissão e sua busca em se aproximar mais da filha. Val acaba descobrindo que, assim como ela, Jéssica deixou seu filho em Recife para poder ir pra São Paulo buscar uma vida melhor para ela, através da prova do vestibular. As duas percebem que precisam mudar para que isso não continue acontecendo pelas próximas gerações, e decidem morar juntas em São Paulo, trazendo o filho de Jéssica junto.

Diferente de *Casa Grande*, as críticas a *Que Horas Ela Volta?* se focam mais na empregada doméstica, já que esta é a protagonista. Questões como a relação centro-periferia, de classe, de empregada-empregadores, o tratamento de Val de alguém ‘como se fosse da família’, o quartinho em que ela mora, e sua relação distante com a filha são pontos em comum de resenhas na internet.¹⁴⁶ Com exceção temos uma resenha que vai além, fazendo uma análise de gênero trazendo dados da questão das mulheres no mercado de trabalho e relacionando com a narrativa do filme.¹⁴⁷ A sessão de comentários do site Adoro Cinema revela que grande parte dos espectadores que comentou aprovou o filme, com algumas exceções, como o comentário citado a seguir, que reclama dos comportamentos de Jéssica e de Val

“Pra começar não acredito que alguém em sã consciência acredite que a Val é uma coitada submissa, pelo que assisti, ela não trabalhava em sistema de escravidão, morava no trabalho por conveniência e a tal "patroa" era antipática com todos, além do mais, ela é uma funcionária da casa.....quer ser tratada como parte da família faça os serviços domésticos sem cobrar....por amor, outra coisa é a falta de respeito e de educação demonstrada pela tal Jessica, acho importante ela se colocar na posição de igualdade com os moradores da casa porque de fato ela é igual, o que me incomodou foi o fato dela achar que tinha o direito de transitar livremente pela casa dos outros, ela é sim a filha da empregada e não há nada de errado nisso essas relações e limites existem para trazer ordem.....”¹⁴⁸

¹⁴⁵ Sequência 31: 87’42” – 90’54”.

¹⁴⁶ CARMELO, Bruno, “Que Horas Ela Volta? Brasil dividido”. Adoro Cinema, S/D. Disponível em < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/criticas-adorocinema/> > Acesso em out. 2019.

TAIEE, “Resenha do filme ‘Que Horas Ela Volta?’”. Medium, 14 out., 2015. Disponível em < <https://medium.com/@TyRebelo/resenha-do-filme-que-horas-ela-volta-761e688bd429> > Acesso em out., 2019.

¹⁴⁷ PALOMA, “Que Horas Ela Volta? – O lado que ninguém quer ver”. Valkirias, 27 abr 2017. Disponível em < <http://valkirias.com.br/que-horas-ela-volta-mulheres-esquecidas/> > Acesso em out, 2019.

¹⁴⁸ FERNANDES, Luciana. Comentários – Que Horas Ela Volta?, ADOROCINEMA, [2015?], Disponível em < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/> > Acesso em out., 2019.

A autora do comentário pode nos ajudar a compreender a normalidade que representa a hierarquia e as diferentes posições dentro do espaço doméstico presentes na sociedade brasileira, onde a empregada doméstica e tudo que diz respeito a ela (incluindo aqui sua filha) deve manter-se em locais indicados e com os comportamentos para ela esperados. É praticamente inegável que *Que Horas Ela Volta?* conseguiu atingir diversas camadas da sociedade brasileira com suas diversas críticas de gênero e classe, sendo até mesmo exibido pela Rede Globo no programa Tela Quente e na Sessão da Tarde.

Em entrevista para a Globo Filmes, Camila Márdila a atriz que interpretou Jéssica fala que a personagem de Val representa uma figura mais submissa por conta da herança escravocrata que nosso país carrega, de “regras que um dia foram inventadas e que a gente se esqueceu de se perguntar o porquê”¹⁴⁹. Essa ideia é expressa diretamente no filme pelo diálogo entre mãe e filha, em que Jéssica questiona as atitudes da mãe, e essa responde: “Isso aí ninguém precisa explicar não, a pessoa já nasce sabendo”¹⁵⁰. Porém, o filme peca em não dar espaço para representações de pessoas negras, já que quer mostrar a realidade vivida pelas chamadas minorias, mas que, como visto neste estudo, as mulheres negras são maioria no trabalho doméstico no Brasil, e representam aquilo que a diretora quis passar por meio de uma doméstica branca, que apesar de não falar pela população que hoje sofre as consequências históricas do trabalho escravo, fala pela população migrante do norte e nordeste para o sul e sudeste do Brasil em busca de melhores condições.

A crítica especializada também não possui grandes preocupações com o trabalho doméstico remunerado, como a de Rubens Ewald Filho para o DVD Magazine, que focou na possibilidade do Oscar para o filme brasileiro e nas atuações ilustres de Regina Casé e Camila Márdila.¹⁵¹ Pablo Villaça em seu site de críticas, Cinema em Cena, desenvolveu uma ótima crítica cinematográfica acerca deste longa, com análises das personagens, e principalmente da protagonista, Val, e seu lugar de doméstica e ‘segunda mãe’, comparando sua representação a outras mulheres, ou até meninas adolescentes “de 14, 15 anos eram trazidas do interior do país a fim de morar/trabalhar em regime de quase escravidão – mas uma escravidão “humanizada”,

¹⁴⁹ MÁRDILA, Camila. Entrevista – Que Horas Ela Volta?. Globo Filmes, S/D. Disponível em <<https://globofilmes.globo.com/filme/quehoraselavolta/>> Acesso em out., 2019.

¹⁵⁰ 63’50” – 64’04”.

¹⁵¹ FILHO, Rubens Ewald. “Que Horas Ela Volta?” DVD MAGAZINE, ago., 2015. Disponível em: <<http://www.dvdmagazine.com.br/materias/materia/title/1076-que-horas-ela-volta>> Acesso em out., 2019.

de liberais.”¹⁵² Por mais que não aprofunde questões de gênero pertinentes a esse tipo de trabalho, ainda muito comum em nosso país, o autor demonstra preocupação em discutir as questões de luta de classe abertas no filme, e que remontam a história colonial do Brasil, mas que se reconstróem no presente.

¹⁵² VILLAÇA, Pablo. “CRÍTIAS, por Pablo Villaça - Que Horas Ela Volta? The Second Mother. CINEMA EM CENA: Carta Capital, ago., 2015. Disponível em <<https://www.cinemaemcena.com.br/critica/filme/8187/que-horas-ela-volta>> Acesso em out., 2019.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluirmos este estudo precisamos retornar a discussões que deixamos em aberto ao longo do texto, como as questões feitas anteriormente às análises fílmicas: Onde esses filmes foram veiculados? Em que outras mídias as produções foram replicadas e discutidas? Qual o público-alvo dessas produções? As domésticas fazem parte do público-alvo? Os filmes dialogam com as reivindicações de trabalhadoras domésticas remuneradas? Não nos cabe categoricamente responder a todos questionamentos. Eles foram pertinentes para fomentar nossa pesquisa e nos auxiliaram nas análises, mas extrapolam as possibilidades deste trabalho, portanto, certamente serão retomados em trabalhos futuros.

Levando em conta que – como muito bem colocado no tema da redação do ENEM deste ano¹⁵³ – o acesso ao cinema está longe de ser amplo e livre no Brasil, por conta de seus ingressos bastante caros, além da própria distribuição geográfica das salas de cinema – o estado de São Paulo é o que possui o maior número de salas de cinema: 1.031, mas se comparados outros estados, por mais que somarmos seus resultados, não conseguimos chegar nem a metade que esta grande metrópole alcança: Goiás, Bahia, Ceará e Pernambuco somam 408.¹⁵⁴ Só por essas constatações já poderíamos afirmar que – tendo ou não como público-alvo – os filmes talvez não consigam por si só alcançar grande parte do número de empregadas domésticas remuneradas brasileiras.

Apesar de *Que Horas Ela Volta?* ser veiculado pela Rede Globo, uma das emissoras com maior número de espectadores do Brasil, devemos levar em conta o conteúdo das opiniões que analisamos nas mídias que circularam após o lançamento deste filme e de *Casa Grande* para cogitarmos seu alcance e intenções diante de domésticas. As críticas e comentários não aprofundaram as questões do trabalho doméstico remunerado, por mais que comentassem superficialmente sua relação com empregadores, com exceção do texto produzido por um blog feminista, em que aborda com dados as questões de gênero, classe e raça do trabalho doméstico remunerado no Brasil:

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres compõem 94,2% do total de trabalhadores domésticos no Brasil, e apenas 36,1% desse grupo possui carteira assinada. O mesmo estudo demonstrou que 17% das mulheres

¹⁵³ MORENO, Ana Carolina; OLIVEIRA, Elida; MANZANO, Fabio. “Redação Enem 2019: Democratização do acesso ao cinema no Brasil ainda está longe da realidade, dizem cineastas.” G1 – Globo, 3 nov., 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2019/noticia/2019/11/03/redacao-enem-2019-estamos-ainda-muito-longe-da-democratizacao-do-acesso-ao-cinema-brasileiro-diz-cineasta.ghtml>> Acesso em nov., 2019.

¹⁵⁴ Dados da Ancine e do IBGE retirados da reportagem: CAESAR, Gabriela. G1 – Globo. “São Paulo abriga 1/3 das salas de cinema do país”. 3 nov., 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/sao-paulo-abriga-13-das-salas-de-cinema-do-pais.ghtml>> Acesso em nov., 2019.

inseridas no mercado de trabalho estão empregadas nesse setor. 59,1% das mulheres trabalhadoras domésticas são negras. Caso ainda houvesse dúvida, esses dados deixam muito claro que o trabalho doméstico é uma questão feminista, uma questão de classe, e também uma questão de raça.¹⁵⁵

Pretendemos, assim apontar para a importância em relação à questão de representação. Dificilmente pessoas que não estão inseridas nessa realidade pretendem tratar com seriedade e responsabilidade desses temas. A não ser que mulheres negras que trabalham como empregadas domésticas nos digam como é seu cotidiano, nós não conseguiremos compreender as relações de poder inseridas nesse contexto. Não à toa, *Casa Grande*, um filme dirigido por um homem não negro, focou sua narrativa em uma espécie de inspiração em sua própria vida, optando por abordar as/os trabalhadoras/es domésticas/os como reafirmação da própria classe do protagonista e de sua família, como empregadores e detentores do salário dessas/e empregadas/o, e estes estão inseridos no filme, de início, a partir da perspectiva dos empregadores, e gradativamente vão recebendo maior atenção a medida que o filme se desloca para os espaços que essas personagens ocupam, geograficamente, ou não, na sociedade.

Que Horas Ela Volta? foi dirigido por uma mulher, feminista, e isso implica em suas escolhas quanto as formas que resolveu representar suas personagens. É por isso que temos Val como protagonista, e Jéssica como a maior responsável pela reviravolta de sua vida e do cotidiano da família de empregadores. Val seria uma mulher acostumada a viver como sua geração viveu, e Jéssica faz parte da nova geração, que não aceita mais viver como empregada de uma família rica que finge a tratar como igual. Através de Jéssica, Val percebe seu lugar na sociedade e decide não seguir mais aquilo que lhe foi imposto, entrando na piscina e retomando o presente que deu a empregadora, sabendo que esta última não gostou e não iria usar.

Além das questões de classe, os filmes abordam questões de gênero e de sexualidade, como com as insistentes tentativas de Carlos de se aproximar de Jéssica em *Que Horas Ela Volta?* e da tensão sexual existente entre Jean e Rita. Como apontado no terceiro capítulo, são questões bastante caras a empregadas domésticas historicamente, onde violências sexuais são naturalizadas dentro do espaço doméstico, como fazendo parte da relação entre empregadas-empregadores.

As escolhas feitas pelos filmes são refletidas em como eles são discutidos pelos seus espectadores. Estes últimos, se preocuparam (dentro do escopo que conseguimos analisar) em falar sobre o debate acerca das cotas raciais em *Casa Grande*, assunto bastante em voga no país

¹⁵⁵ Ibidem, nota 147, pp. 68.

ultimamente, além das questões de privilégios do protagonista, deixando de plano de fundo, assim como o filme deixou, a questão do trabalho doméstico remunerado; o debate em torno de *Que Horas Ela Volta?* parece ter atingido uma parcela maior da população, gerando, conseqüentemente, análises mais apuradas, onde debateu-se o ‘quartinho da empregada’, que por mais que tenha sido uma prática muito mais comum há décadas atrás, continua fazendo parte da vida de muitas domésticas, além de questões relativas a valores e regras pré-estabelecidas de classe e raça.

Tendo como objetivo ou não alcançar o grande público, podemos afirmar que em certa medida os filmes foram bem-sucedidos em alçar o debate público. Por mais que ao cinema acesso não seja de todo democrático, ou que as representações alcancem ou não um rigor com a realidade, não podemos negar que o cinema gera e reverbera discussões através da circularidade da mídia, permitindo alcançar, por mais que bastante posteriormente, diferentes camadas sociais, e as discussões podem continuar mesmo após o fim das sessões. Esses filmes, por mais que diretamente, possam não mudar a dura realidade do trabalho doméstico, Servem, contudo, como uma abertura, um fio condutor de novas discussões que podem gerar as transformações visadas por profissionais domésticas.

Quanto à história do trabalho doméstico remunerado no Brasil, temos como principais motores dessa engrenagem os movimentos negro e feminista, que juntamente com os movimentos sindicais montaram ao longo da história processos de luta e resistência motivados, angariados, organizados e mantidos por trabalhadoras negras. Muito se fala na importante conquista da PEC das domésticas em 2013 que foi aprovada durante o governo de uma presidenta mulher, Dilma Rousseff, mas o que gostaríamos de ressaltar com todos esses dados e históricos da classe trabalhadora de mulheres empregadas domésticas é que esses direitos conquistados tardiamente foram produto de muita luta e resistência dessa classe de mulheres negras ao longo de muito tempo.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Rick. **Los géneros cinematográficos**. Paidós: Buenos Aires, 2000.
- ANTURES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização como regra? **Rev. TST**, Brasília, vol. 79, no 4, out/dez 2013.
- ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho: As múltiplas formas de degradação do trabalho. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 1, p. 19-34, 2008.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRUSCHINI, Maria Cristina. O Trabalho da Mulher Nas Décadas Recentes. **Revista Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.N/E, p. 179-203, 1994.
- Casa Grande. Direção de Fellipe Gamarano Barbosa. Roteiro de Fellipe Gamarano Barbosa e Karen Sztajnberg. BRA. Produzido por Midgal Filmes e Iafa Britz. 2014, (115 min).
- CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus: 1997, pp. 45-59.
- CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Cruzamento: raça e gênero: **UNIFEM**, 2004.
- COSTA, Márcia da Silva. O SISTEMA DE RELAÇÕES DE TRABALHO NO BRASIL: alguns traços históricos e sua precarização atual. **RBCS** Vol. 20 nº. 59 out., 2005.
- FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **MEDIAÇÕES**: Londrina, v. 20 nº 2, pp. 97-128, jul./dez., 2015.
- HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, pp. 24-41.
- HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièl. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. Da História Social à História da Sociedade. IN: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História: Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KAPLAN, E. Ann. **A Mulher e o Cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro Rocco, 1995.

- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. EDUSC: Bauru, 2001.
- KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. IN: HIRATA, Helena. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KOFES, Suely. **Mulher, mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema**: um debate metodológico. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- LAGNY, Michele. **Cine e historia**: problemas y métodos en la investigación cinematográfica. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997.
- LUCA, Tiago. “Casa Grande & Senzala’: Domestic Space and Class Conflict in Casa Grande and Que Horas Ela Volta?” In SILVA, A.M.; CUNHA, M. Space and Subjectivity IN: **Contemporary Brazilian Cinema**. Screening Spaces, 2017. pp. 203-219.
- MARTINS, Tereza. O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade. **Revista Serv. Soc.**, São Paulo, n. 111, p. 450-467, jul./set. 2012.
- MATTEI, Lauro. Reforma da Previdência: da Constituição de 1998 à proposta de reforma do governo atual. **Revista NECAT – Ano 8, nº15 Jan-Jun/ 2019**, pp. 1-7.
- MELO, Hildete Pereira de. De Criadas A Trabalhadoras. **Revista de Estudos Feministas**: v. 6, n. 2, 1998, p. 323-357.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.
- POCHMANN, M.. Mercado Geral de Trabalho: o que há de novo no Brasil?. Parcerias Estratégicas (Brasília), v. 22, p. 121-144, 2006.
- Que Horas Ela Volta?. Direção de Anna Muylaert. Roteiro de Anna Muylaert. BRA. Produzido por Globo Filmes, Gullane e África Filmes. 2015, (114 min).
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Egardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- VALIM, Alexandre. História e Cinema. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2012.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.

XAVIER, Ismail. **O discurso Cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.